



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**A CULTURA DO TORCER NAS ARQUIBANCADAS DO
FUTEBOL FEMININO**

GABRIELLE FERREIRA GONÇALVES MACHADO

Rio de Janeiro

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

A CULTURA DO TORCER NAS ARQUIBANCADAS DO FUTEBOL FEMININO

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda.

GABRIELLE FERREIRA GONÇALVES MACHADO

Orientadora: Profa. Dra. Tatiane Cruz Leal Costa

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

M149c Machado, Gabrielle Ferreira Gonçalves
A Cultura do Torcer nas Arquibancadas do
Futebol Feminino / Gabrielle Ferreira Gonçalves
Machado. --
Rio de Janeiro, 2022
58 f.

Orientadora: Tatiane Cruz Leal Costa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social:
Publicidade e Propaganda, 2022.

1. Futebol. 2. Torcida. 3. Arquibancada. 4.
Futebol Feminino. I. Costa, Tatiane Cruz Leal,
orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

A CULTURA DO TORCER NAS ARQUIBANCADAS DO FUTEBOL FEMININO

Gabrielle Ferreira Gonçalves Machado

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por

Profa. Dra. Tatiane Cruz Leal Costa – orientador



Profa. Dra. Gabriela Nôra Pacheco Latini



Profa. Me. Júlia Cavalcanti Versiani dos Anjos

Aprovada em:
05/01/2023

Grau: 10

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a toda minha família, em especial minha mãe e minha avó, Alessandra e Edineia, por me apoiarem em todas as minhas escolhas e por sempre terem feito tudo que estava ao seus alcances para que eu pudesse chegar até esse momento da minha vida. Tudo o que eu sou e conquistei foram por elas e para elas.

Um obrigada a todo o corpo docente da Escola de Comunicação, que tornam momentos como esse possíveis, contribuindo para a formação acadêmica e pessoal de tantos estudantes. Agradeço também a esta incrível banca. Especialmente à minha orientadora, Tatiane Leal, que desde o primeiro dia em sala de aula me fez ter certeza de que não poderia haver outra escolha de orientação a não ser a sua. Sua dedicação, parceria e seus conselhos tornaram esse processo mais leve e ainda mais especial. Que mais estudantes possam ter a oportunidade de conhecer e de aprender com uma professora tão incrível.

Aos amigos que fiz durante todo esse percurso, obrigada por tornarem a UFRJ uma segunda casa para mim e um local cercado de memórias e momentos especiais. Sem vocês, essa jornada não teria sido tão prazerosa, especial e tão divertida.

Aos meus amigos, obrigada por terem me acolhido em todos os momentos da minha vida, sejam eles bons ou ruins. Vocês são parte essencial de quem eu sou. Ao Felipe, meu melhor amigo e a pessoa em que eu mais confio no mundo, obrigada por todos os momentos de conversas, conselhos, piadas e, principalmente, de discussões, que no final viram motivos de ainda mais risadas. Em qualquer momento do dia e em qualquer local que eu esteja, eu sempre penso no quanto sou grata por ter você na minha vida.

À Atlético de Comunicação e Artes da UFRJ por me trazer de volta a felicidade e o amor por jogar futebol. Foram vocês os principais responsáveis por me confortarem e me trazerem leveza nesses importantes meses. Ao Fut Fem, obrigada por tanto, em especial ao Quarto 15. Obrigada por todas as risadas e histórias construídas.

À Juliana por ter estado ao meu lado durante todo esse processo e ter sido minha direção em alguns dos momentos e escolhas mais importantes da minha vida. Que sua companhia possa se fazer presente por muitos momentos e anos mais. Obrigada por tudo.

Por fim, agradeço à UFRJ e à Escola de Comunicação por todo o aprendizado e conhecimento que me proporcionaram ao logo desses anos. Chegar até a UFRJ e trilhar todo esse caminho foi a realização de um sonho.

Mas uma coisa você vai descobrir, que todas as mulheres compartilham uma coisa: Uma história complicada... um amor pelo futebol que mantém elas motivadas.

(Marta Vieira da Silva)

MACHADO, Gabrielle Ferreira Gonçalves. **A cultura do torcer nas arquibancadas do futebol feminino**. Orientador(a): Tatiane Cruz Leal Costa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2022.

RESUMO

O presente trabalho investiga os principais elementos presentes na cultura do torcer das arquibancadas do futebol feminino, a fim de destrinchar as principais diferenças encontradas para com o naipe masculino. Para isto, foi utilizada a pesquisa qualitativa como método para comprovação das análises, mediante a realização de entrevistas em profundidade que serviram como base para validação da pergunta central de pesquisa de se há, nas partidas de futebol feminino, uma ruptura com os padrões de preconceitos e violências reproduzidas pelos torcedores nos jogos do naipe masculino. A pesquisa considera a composição das arquibancadas e as questões de gênero como fatores responsáveis pela diferenciação nos hábitos e modos de torcer construídos pelo público *in loco* dos dois napes, padrões estes expostos por meio dos resultados obtidos.

Palavras-chave: futebol; torcida; arquibancada; futebol feminino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	13
2.1 O surgimento do futebol feminino no Brasil	13
2.2 A proibição e a regularização da prática da modalidade no país	16
2.3 O futebol feminino brasileiro na atualidade	19
3 O FUTEBOL COMO UMA CULTURA DE MASSA: A REVERBERAÇÃO DE PRECONCEITOS NA MODALIDADE	25
3.1 O papel da mídia na construção dos modos de torcer: o futebol como uma cultura de massa no Brasil	25
3.2 O surgimento e o papel da torcida nas arquibancadas do futebol	30
3.3 As questões de gênero das arquibancadas de futebol	33
4 METODOLOGIA	38
4.1 Referencial teórico	38
4.2 Amostragem	38
4.3 Instrumentos de pesquisa	39
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	41
5.1 Nasce um torcedor	41
3.2 A reprodução de violências nos estádios de futebol	43
3.3 A cultura do torcer nas arquibancadas do futebol feminino	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS - UM NOVO MODO DE TORCER: A QUEBRA COM A CULTURA DE PRECONCEITOS	50
7 REFERÊNCIAS	53
8 APÊNDICE	58

1 INTRODUÇÃO

O futebol é conhecido e tratado no país como a “grande paixão” dos brasileiros, impactando diariamente no emocional de milhares de torcedores. Para muitos, seu time de coração é o seu primeiro e mais especial amor, tendo lhe acompanhado do nascer ao envelhecer, nos melhores e nos piores momentos de sua vida. Contudo, um sentimento tão grande, muitas vezes até cego, compartilhado por tantos, impacta diretamente a sociedade ao seu redor. Concomitantemente, os aspectos culturais e sociais vivenciados ao decorrer dos anos possuem influência na forma como esses torcedores consomem o esporte.

É nas arquibancadas do futebol que os torcedores encontram o local ideal para extravasar sua paixão e demonstrar o amor pelo seu time, porém, antes de existirem nesses espaços, eles carregam consigo hábitos e costumes adquiridos enquanto parte da sociedade. Muitos desses comportamentos foram construídos sobre a exclusão daqueles que fogem ao padrão normativo dominante. Ao chegar ao Brasil o futebol foi difundido, em um primeiro momento, somente entre a elite branca e heterocentrada, isolando sua prática daqueles que fugiam à essa identidade, apresentando reflexos no comportamento de seus praticantes e torcedores até os dias atuais.

Em virtude disso, é comum presenciarmos nas arquibancadas a reprodução de preconceitos, por meio de falas e cantos homofóbicos, racistas e sexistas, chegando, muitas vezes, até à violência física. Junto à festa e o apoio demonstrado ao seu clube de coração, a prática dessas violências se difundiu culturalmente no modo de torcer das arquibancadas do futebol masculino.

Concomitantemente à popularização da modalidade no país e à construção das suas formas de consumo *in loco*, o futebol feminino precisou passar por diversos percalços até a consolidação de sua prática. Em seu surgimento no Brasil, no final da década de 1930, o futebol praticado por mulheres dividiu a opinião da população, caindo na graça de muitos, enchendo estádios e ganhando notoriedade na mídia, ao mesmo tempo em que era criticado e marginalizado por aqueles que eram contra sua realização, alegando os impactos negativos que a prática poderia gerar para o corpo e a moral das mulheres. Com um forte apelo midiático de importantes nomes da sociedade à época, o futebol feminino foi, então, proibido em território brasileiro em 1941, por meio de um Decreto-Lei publicado pelo Governo (BRASIL, 1941). A proibição viria a ser revogada somente em 1979, afastando assim as mulheres da prática legalizada da modalidade por 38 anos, afetando sua popularização entre os torcedores por praticamente 4 décadas (BRASIL, 1979).

Após sua legalização, muitas barreiras ainda precisaram ser enfrentadas para que a modalidade voltasse a ser popularizada entre os torcedores e a mídia. Apesar das dificuldades, o futebol feminino brasileiro tem, no decorrer da última década, reconquistado seu espaço, quebrando recordes e alcançando impressionantes números de audiência e bilheteria nas principais competições nacionais. Com o retorno dos públicos às arquibancadas do esporte, os modos de torcer reproduzidos pelos torcedores e torcedoras passam a ser construídos de forma mais recente, carregando consigo costumes e hábitos diferentes aos percebidos nos estádios de futebol masculino.

Em um período no qual o debate sobre preconceitos de gênero, raça e sexualidade tem ocupado um local mais central na mídia e na sociedade, a pesquisa trabalha com a pergunta central se, nas arquibancadas do futebol feminino, vem sendo construída uma cultura do torcer que diverge e rompe com diversas práticas culturais presentes nas partidas do naipe masculino. Acreditamos que há uma associação entre o gênero praticante da modalidade e diferentes maneiras de consumir e incentivar as jogadoras e seu time durante as partidas, gerada, em grande parte, por uma influência direta da proporção de torcedoras presentes *in loco* nos jogos femininos.

Aliada à visão de que as arquibancadas do futebol feminino possuem um quantitativo menor de torcedores, sendo estas, em grande parte, compostas por mulheres e crianças, o presente trabalho dará indícios de que a predominância da presença desse determinado público na composição das arquibancadas das partidas femininas apresenta correlação direta com a queda no índice de preconceitos reproduzidos nesse espaço.

A importância desta pesquisa se dá pela perspectiva de que, se há uma ruptura com modos de torcer que tendem a ofender certa parcela dos torcedores, se mostra necessário destrinchar de que maneira tal mudança ocorre, visando encontrar maneiras de realizar a transição desses costumes também para as arquibancadas do futebol masculino, buscando a construção de um ambiente seguro para todos os torcedores, seja qual for o naipe praticante da modalidade. Além disso, com o crescimento do futebol feminino, se mostra importante o aprofundamento em estudos que tratem sobre as maneiras com o qual ele se conecta com as vivências da sociedade e não mais apenas sobre sua relação com o naipe masculino e as já conhecidas diferenças de tratamento e visibilidade existentes entre os gêneros.

Tema em crescente expansão, um significativo número de pesquisas acadêmicas recentes tem se debruçado sobre a presença de mulheres nas arquibancadas e torcidas organizadas que consomem majoritariamente a prática masculina nos estádios e suas dinâmicas de relacionamento com o sexo masculino enquanto torcedores de uma mesma equipe.

Pessanha (2020) analisa as relações de gênero e formas de torcer nas arquibancadas do Rio de Janeiro, por meio de entrevistas que buscam detalhar as experiências vividas por grupos femininos dedicados aos quatro grandes clubes cariocas enquanto consumidoras de futebol masculino. Em tema semelhante, Moraes (2017) refere-se à presença de mulheres nas torcidas organizadas de futebol.

No que tange aos estudos acerca do futebol feminino, muito é explorada a condição de mulheres praticantes da modalidade e os percalços enfrentados na profissionalização da modalidade. Anjos (2018) explora os preconceitos e a desvalorização enfrentada pelas jogadoras de futebol durante a prática do esporte. Bonfim (2019), uma das principais referências no estudo sobre mulheres no futebol brasileiro, busca explicitar o panorama do surgimento do futebol feminino, destrinchando o caminho trilhado por elas desde a criação das primeiras equipes e os desafios enfrentados durante toda a existência da modalidade.

Dentro do campo dos estudos de gênero, busca-se estabelecer possíveis padrões e diferenciações entre o futebol masculino e feminino, problematizando a desvalorização e a desigualdade visual e midiática enfrentadas pelas mulheres que almejam se profissionalizar no esporte (GOELLNER, 2005; MORAES, 2017; COSTA, 2006, 2017). Utilizaremos ainda a interlocução entre o futebol e a comunicação, objetivando navegar pela estratégia adotada pela mídia para popularizar e promover a manutenção do esporte na sociedade brasileira, conforme analisado por Helal (2011, 2012, 2016), Christofolletti e Rosa (2018), Kupper (2018) e Balzano, Munsberg e Silva (2018).

Com o resultado obtido na revisão de literatura temática, explicitou-se a carência de produção científica sobre o torcer nas arquibancadas enquanto consumação de partidas de futebol feminino, tema central a ser abordado nesta pesquisa. A transição das torcedoras advindas das arquibancadas masculinas foi um aspecto pouco desenvolvido nas pesquisas encontradas. Portanto, este trabalho busca contribuir com os estudos do campo ao analisar a cultura do torcer, o consumo *in loco* da modalidade e as relações de gênero presentes na consumação do futebol feminino.

Nesta perspectiva, a pesquisa se encorpa dos estudos e teorias levantadas visando trazer mais elementos para a construção de um olhar qualitativo e sociocultural sobre o consumo do futebol feminino brasileiro nos estádios, explorando ainda em sua pergunta central se o gênero praticante da modalidade pode atuar como um aspecto de mediação na forma pela qual a cultura do torcer é reverberada pelas espectadoras das partidas.

Desta maneira, se objetiva compreender como se deu a construção dos modos de torcer presentes nas arquibancadas do futebol feminino brasileiro e analisar as principais semelhanças

e diferenças culturais para com as formas de torcer apresentadas pelos torcedores durante as partidas masculinas, contribuindo, assim, com material de estudo referente para a discussão da modalidade, quem vindo sendo muito debatida pela academia.

Para isso, visando construir a bibliografia que norteará a pesquisa, foi realizado um mapeamento da literatura temática, por meio da utilização da leitura seletiva (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007), com a adoção de critérios que estabeleçam um diálogo entre o tema a ser estudado e as perguntas formuladas acerca da vivência dos torcedores de futebol. Dessa forma, para se aprofundar nas práticas culturais presentes na modalidade e analisar os impactos da sociedade, mídia e gênero nos modos de torcer das arquibancadas do futebol feminino, o meio de abordagem escolhido para este trabalho foi o qualitativo de pesquisa.

Com o objetivo de trabalhar as relações sociais entre os torcedores e os fenômenos culturais (MINAYO; SANCHES, 1993) que compõem o escopo da pesquisa, dissecamos seus hábitos, costumes e comportamentos enquanto consumidores *in loco* de partidas de futebol feminino por meio da realização de entrevistas em profundidade, com o intuito de desencadear informações mais detalhadas sobre o tema (HAIR JR; CELSI; ORTINAU; BUSH, 2014).

Para realização das entrevistas, foi delineado um conjunto de perguntas pré-definidas, com foco nos principais elementos envolvidos no problema de pesquisa. Essas questões foram respondidas por uma população-alvo-definida (HAIR *et al.*, 2014, p. 142) de acordo com critérios julgados relevantes para a pesquisa, como: conhecimento, identificação e vivência com o objeto de estudo, as arquibancadas do futebol feminino. Por consequência, a pesquisa se deu de forma não probabilística, uma vez que a coleta será baseada em critérios particulares (COHEN; MANION; MORRISON, 2002).

No segundo capítulo construímos uma linha temporal do surgimento do futebol feminino no Brasil, detalhando de que maneira a modalidade começou a ser praticada no país e os principais clubes criados durante sua popularização. Também detalhamos o processo que levou à proibição do futebol praticado por mulheres e todos os percalços enfrentados pelas jogadoras até sua posterior legalização (ALMEIDA, 2017; ALMEIDA; ALMEIDA, 2020; SBRISSIA, 2020; MATIAS, 2020). Visando explicitar o cenário do futebol feminino na atualidade, apresentamos, ainda, um panorama geral dos principais números referentes ao consumo da modalidade por parte dos torcedores e da mídia.

Para entendermos o processo de popularização e consumo do futebol no país, analisamos no terceiro capítulo o papel da mídia e do governo na construção da modalidade como uma cultura de massa do país, buscando entender a relação entre a sociedade e os torcedores na formação dos modos de torcer existentes nos estádios (CHRISTOFOLETTI;

ROSA; 2018; KUPPER, 2018; HELAL, 2011). Com essa finalidade foi traçado um perfil sobre o surgimento das torcidas e seu vínculo com a reprodução de preconceitos nos estádios de futebol (SANTOS; HELAL, 2016; HELAL *et al*, 2012; TEIXEIRA, 1998; MORAES, 2017; BONFIM, 2019; PESSANHA, 2020).

No quarto capítulo foi detalhado o processo de metodologia escolhida para a construção do presente trabalho, visando relacionar os levantamentos que serão realizados nos primeiros capítulos para se chegar aos resultados e objetivos propostos.

Seguindo a metodologia escolhida, os resultados foram apresentados e analisados no quinto capítulo. Nele, destrinchamos a cultura do torcer nas arquibancadas do futebol feminino, analisando suas principais semelhanças e diferenças para com o naipe masculino, visando investigar de que maneira as torcedoras compreendem suas práticas de consumo e de comportamento durante as partidas e se é possível a existência de diferentes modos de torcer, investigando os principais fatores responsáveis por essa variação.

2 A POPULARIZAÇÃO E A PROIBIÇÃO DA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

A prática do futebol feminino no Brasil e ao redor do mundo, conhecidamente, passou por diversos percalços durante a história. Proibidas por lei de praticar a modalidade durante décadas, as mulheres precisaram encontrar alternativas para manter o contato com o esporte, seja praticando-o ilegalmente ou lutando para que sua prática se tornasse oficialmente regulamentada. Contudo, há ainda um espaço a ser ocupado no que diz respeito à memória do surgimento do futebol feminino no país e nos principais movimentos responsáveis pela popularização da prática entre os torcedores brasileiros.

Neste capítulo iremos esmiuçar os passos trilhados pela modalidade no Brasil, destrinchando as motivações por trás de sua proibição, assim como detalhar o movimento de regulamentação da prática no país. Por último, iremos traçar o panorama do futebol feminino na atualidade e a receptividade por parte dos torcedores para com a modalidade.

2.1 O surgimento do futebol feminino no Brasil

“O futebol feminino está tomando conta da cidade”. Quem lê a declaração realizada pelo jornal *Diário da Noite* (ALMEIDA, 2017, p.28) imagina que a notícia se situa no século XXI, após anos de luta para o crescimento da modalidade. Contudo, a reportagem era responsável por cobrir o Torneio de Futebol Feminino, disputado em 1º de maio de 1940, considerado um dos mais importantes eventos de futebol feminino da história a ser realizado no Rio de Janeiro (ALMEIDA, 2017). A competição ofereceu às mulheres, pela primeira vez, a oportunidade de disputar um título, com uma grande cobertura jornalística e a presença, em peso, da torcida carioca, gerando consideráveis valores de arrecadação com a venda de ingressos:

Além do sucesso entre o público na época, o campeonato também foi considerado bem-sucedido monetariamente, chegando a uma renda total próxima a de jogos realizados pelas equipes masculinas de alguns times pequenos da capital carioca. O que marcou o campeonato realizado foi o noticiário do dia seguinte, que veiculou reportagens positivas sobre a atuação feminina e a realização do campeonato como um todo (SBRISIA, 2020, p. 20).

Os relatos da formação dos primeiros times de futebol feminino no Brasil, em moldes estruturados, ao seu tempo, contam sobre as equipes Sport Club Brasileiro, Casino de Realengo, Sport Club Valqueire e o Eva Football Club, todos locados em bairros menos favorecidos economicamente da zona norte do estado do Rio de Janeiro e participantes do Torneio de

Futebol Feminino. Buscavam, por meio da competição, se proclamarem o melhor time feminino carioca (ALMEIDA, 2017).

Entre as primeiras equipes brasileiras estavam ainda o Cruzeiro Football Club, River Football Club, Brasil Suburbano Football Club, Independentes Football Club, Mavilis Football Club, entre outros, todos eles localizados no Rio de Janeiro, que surgia como o grande centro formador da modalidade entre as décadas de 1930 e 1940 (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020). Na grande maioria dos casos, tais clubes surgiram por meio do Departamento de Futebol de equipes masculinas, sem que tivessem uma divisão exclusiva para trato do funcionamento do time feminino. Concomitantemente, da cisão de diversas equipes surge, em 4 de maio de 1940, o Primavera Atlético Clube, clube dedicado exclusivamente à prática do futebol feminino, com sede em Pilares/Rio de Janeiro, associação que viria a ser conhecida posteriormente como uma das principais e mais vitoriosas equipes femininas da época (ALMEIDA, 2017). Nota-se que, neste primeiro momento, eram quase nulas as equipes que possuíam um departamento voltado exclusivamente para representar as equipes femininas, fator que demonstrava a pouca importância e peso dados à modalidade dentro dos clubes.

Há 82 anos, um dos estádios mais populares e conhecidos do Mundo, o Pacaembu, recebeu seu primeiro jogo de futebol feminino, somente um mês após sua inauguração na capital paulista. No dia 17 de maio de 1940 as equipes do subúrbio carioca Casino de Realengo e S. C Brasileiro disputaram uma partida preliminar ao amistoso que seria realizado entre Flamengo e São Paulo, duas potências masculinas já à época, e que contou com a presença de 65 mil torcedores (RÉGIS; PONS, 2020). Os jogos de exibição se estenderam ainda pela Vila Belmiro, em Santos, no dia 20 de maio e, em 15 de junho, ambas as equipes se enfrentaram novamente em Belo Horizonte (ALMEIDA, 2017). Dentro do Rio de Janeiro, os times cariocas se apresentaram também em Magé, Niterói e Petrópolis (SBRISIA, 2020). Uma vez que as primeiras equipes, que se têm registro, nasceram na cidade do Rio de Janeiro, esse tour se mostra importante para o alastramento da prática da modalidade, levando conhecimento sobre a mesma para outras partes do estado e do país.

Para além das primeiras partidas e competições oficiais realizadas entre os anos 1930-1940, encontram-se relatos da prática do futebol feminino ainda na década de 1910:

[...] Em 1913, a Revista Careta publicou uma foto de uma partida de 'foot-ball feminino por ocasião de um five-o'clock', no velódromo de São Paulo. Em 1915, teria ocorrido uma festa esportiva no Villa Izabel Football Club, no Rio de Janeiro. Quatro anos mais tarde, outro evento na mesma cidade, desta vez de caráter beneficente, prometia um grande match de football feminino. Prometia-se, além das presenças de autoridades eclesásticas e políticas locais, a participação do próprio Presidente da República da época, Epitácio Pessoa (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020, p. 172).

A data exata de início da modalidade no país é cercada de incertezas e diferentes relatos, contudo se faz notória a presença de sua prática e existência e, concomitantemente, seu apagamento durante determinado momento da história. Conforme destaca Aira Bonfim (*apud* MATIAS, 2020), historiadora pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pesquisadora do Museu do Futebol: “Não é importante descobrir quem é o primeiro, mas, sim, realçar as histórias que acabam sendo invisibilizadas quando a gente gera um destaque para uma cronologia. Pensando no tamanho do Brasil, são sempre vários inícios.”

De certo, o futebol feminino vivia, no início da década de 1940, seu auge na até então capital brasileira, e se espalhava, aos poucos, para outros estados do país, alcançando o apoio e a presença de grandes públicos, gerando expressiva renda de bilheteria e conquistando significativa cobertura midiática (ALMEIDA, 2017). Apesar do crescente reconhecimento, e do surgimento de diversas equipes femininas, inúmeras ainda eram as barreiras enfrentadas por aquelas que desejassem praticar a modalidade.

Com o aumento da projeção do futebol feminino, a mídia e a opinião pública começaram a formar cada vez mais uma dicotomia entre o apoio e o repúdio à prática da modalidade pelas mulheres. A partida de exibição realizada no Pacaembu, entre Cassino de Realengo e Sport Club Brasileiro, em 17 de maio de 1940, foi um dos grandes marcos na crescente pressão organizada por aqueles que defendiam a proibição do futebol praticado por mulheres (MENDONÇA, 2020). Compostos em sua grande maioria por jornalistas esportivos e personalidades influentes do país, difundindo suas opiniões por meio dos jornais impressos, tais opositores argumentavam que tal situação viria a ser uma calamidade que atingiria a juventude feminina no país, uma vez que a prática de um esporte violento afetaria o equilíbrio psicológico das funções orgânicas das mulheres (ALMEIDA, 2017).

Simultaneamente, entres as equipes já existentes, diversos percalços na organização e administração das associações impunham ainda mais dificuldades para que a modalidade pudesse perseverar e ultrapassar as barreiras impostas pelos não apoiadores, presentes em grande parte da sociedade. Na época, era comum que jogadoras passassem por diversos clubes em sua curta carreira, uma vez que as diretorias das equipes facilmente dissolviam o departamento de futebol feminino dos times, se utilizando de pequenos deslizes de suas atletas como argumento para encerramento das atividades da modalidade (ALMEIDA, 2017). Com o fraco apoio oferecido por suas agremiações e as fortes críticas da oposição, não demorou muito tempo até que as primeiras proibições à prática do esporte comesçassem a ser impostas no país, afastando as mulheres dos campos e das quadras de futebol.

2.1 A proibição e a regularização da prática da modalidade no país

Assim sendo, se deu início, ainda em 1940, às primeiras restrições contrárias ao futebol feminino, por meio de ações da polícia, visando inibir a realização das partidas. A primeira medida legal adotada, em junho do mesmo ano, foi a criação de uma portaria de emergência, na cidade do Rio de Janeiro, que proibia a atuação de equipes clandestinas, sem licença policial, expedida pelo então delegado Dulcílio Gonçalves: “vinham exibindo equipes de moças, dando motivo a que um ramo de negócio fosse inescrupulosamente explorado por mãos espertistas” (ALMEIDA, 2019, p.99). Tal medida insinuava uma correlação entre as equipes de futebol e o aliciamento de mulheres à prostituição.

Um dos principais jornais contrários à prática do futebol entre as mulheres à época era a publicação carioca *O Imparcial* (ALMEIDA, 2017). Em consonância à portaria instaurada na cidade, o periódico reforçou o argumento utilizado pelo delegado ao publicar a manchete: “Jogadoras contractadas como artistas de cabaret – O empresário Alfonso Doce ameaça levar à Buenos Aires uma equipe feminina de football – perigoso ‘commercio’ que se inicia” (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020, p.179). Além da forte argumentação contestando “a natureza frágil das mulheres” para a prática de uma modalidade “agressiva”, a associação do futebol feminino com a prostituição se tornou uma grande aliada na luta a favor da proibição da prática:

O fato é que o futebol já havia sido projetado como um dos elementos nacionais centralizados pelo Estado Novo brasileiro... Nesse sentido, a excursão de futebolistas brasileiras para o exterior foi vista como um afrontamento, uma vez que, ao contrário das ‘vedetes’, o futebol era um símbolo nacional oficial. Para o princípio moral que regia o pensamento social da época, seria inconcebível que estrangeiros pagassem ‘os preços que fossem exigidos para ver as pernocas morenas das futebolistas brasileiras’ em campo ou, conforme as palavras de Fuzeira, assistissem mulheres ‘presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes’ (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020, p. 180).

Carlota Alves de Rezende, “mãezinha”, como chamada por suas jogadoras, ou somente Carlota, era a diretora do Primavera Atlético Clube, e um dos principais nomes na luta pelo futebol feminino nas décadas de 1930-1940. Por sua forte presença nos assuntos relacionados à modalidade, foi declarada, por aqueles contrários à prática, como uma das principais aliciadoras das jogadoras à prostituição (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020). Sua prisão, no dia 10 de janeiro de 1941, se mostrou um duro golpe à modalidade e se tornou um claro prelúdio do fim. Detida em sua residência, Carlota foi autuada por suspeita de lenocínio – ação de explorar, estimular ou favorecer o comércio carnal ilícito –, acusação apoiada no fato de que algumas jogadoras de sua equipe trabalhavam no clube de dança El Dorado (ALMEIDA, 2017).

Após a denúncia realizada pelo “*O Imparcial*” e a prisão de Carlota, a desconfiança geral se estendeu para toda a modalidade e, juntando-se aos tantos outros argumentos utilizados pela oposição, foi trilhado o julgamento moral e biológico que trilhou o caminho até o golpe final imposto pelo Estado. O prelúdio da proibição do futebol feminino se deu em 23 de janeiro de 1941, quando foi anunciado que mais nenhum programa governamental que envolvesse o futebol no naipe feminino seria aprovado pelo Governo Vargas, por meio da Divisão de Teatro e Censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (ALMEIDA, 2018). Conhecido como Estado Novo, esse período do mandato de Getúlio Vargas foi marcado por um governo altamente totalitário e nacionalista, com forte teor de radicalização ideológica e apoio às principais demandas centralizadoras da cultura nacional (GOMES *apud* ALMEIDA, 2019).

É neste cenário que meses depois, em 14 de abril de 1941, foi publicado pelo Governo o Decreto-Lei 3.199, artigo dedicado às práticas esportivas femininas, que dizia: “Art. 54º - Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941). A determinação governamental corrobora com a visão explorada por Goellner (2005), na qual relatava que o único papel dos esportes na vida da mulher, segundo o ideal social, era de fortalecimento de seus corpos, para que eles estivessem prontos para gerar novas vidas. Havia, sobretudo, o medo de que o esporte “masculinizasse” o corpo dessas mulheres, as distanciando do padrão de beleza imposto sobre elas pela sociedade.

Durante a ditadura militar, em 1965, houve um ajuste no Decreto-Lei de 1941, por meio da Deliberação n.7/65, que listava especificamente quais são as modalidades esportivas indesejáveis por parte das mulheres: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rúgbi, halterofilismo e baseball”. (CASTELLANI FILHO *apud* ALMEIDA; ALMEIDA, 2020, p.185).

“Torçam, garotas, mas não joguem nunca”, uma das frases proferidas por personalidades contrárias à prática do futebol feminino, em uma série de entrevistas publicadas pelo jornal *O Imparcial* (ALMEIDA, 2017, p. 88), demarcava o único espaço legalmente permitido para a presença feminina naquele momento da história: na torcida pelo futebol masculino. Contudo, o Decreto-Lei não impediu a continuidade da prática do futebol pelas mulheres, com movimentações de grupos isolados ao redor do país, conforme destaca Aira (*apud* MATIAS, 2020): “Era uma rede de mais ou menos duas a 15 equipes femininas que se encontravam semanalmente, que viajavam pela cidade do Rio para fazer esses encontros. Eram mulheres suburbanas, algumas negras, trabalhadoras na sua maioria, algumas artistas”.

Existem, entre as décadas de 1940 e 1970, registros de equipes femininas no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, com aparições, inclusive, em reportagens jornalísticas que possuíam como único intuito a exaltação da beleza e feminilidade, ignorando-se todos os traços referentes à prática do esporte (ALMEIDA; ALMEIDA, 2018).

Se as equipes pioneiras do futebol feminino surgiram no subúrbio da zona norte carioca, foi também nas periferias onde a modalidade mais prosperou e resistiu durante o período de vigor do Decreto. Conforme publicado na revista *O Cruzeiro*, em 1971, houve diversas mudanças no estilo de vida de moradores de conjuntos habitacionais cariocas – locais de pouca fiscalização e com espaços livres, conhecidos como a várzea – tornando possível a prática do esporte por jovens moradoras e, conseqüentemente, a formação de várias “jogadoras”, chamadas pelos jornalistas como “Gatas da Penha” (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020). Percebe-se assim que a visão estereotipada sobre o corpo feminino, especialmente pela mídia, que reforçava os atributos referentes à beleza e a sexualidade das jogadoras acompanhou a modalidade desde os seus passos iniciais, perpetuando-se ainda nos dias atuais.

Ainda nesse período, nas praias do Rio de Janeiro o futebol de campo se encontrou com as areias cariocas, que surgiam como novo um *point* para a prática de futebol pelas jovens da classe média carioca, que começaram a se reunir frequentemente e a formar equipes, de acordo com os locais em que moravam. A “brincadeira” fez tanto sucesso que campeonatos surgiram e sua prática passou a chamar atenção de marcas de roupa, empresários e da imprensa (ALMEIDA, 2013).

O período de redemocratização e reorganização da política brasileira viria a trazer novidades para o futebol feminino ao final da década de 1970. O enfraquecimento da ditadura no governo de João Baptista Figueiredo acarretou a revogação de uma série de medidas autoritárias que marcaram o período ditatorial no Brasil, entre eles a Lei da Anistia e o fim do bipartidarismo (WESTIN, 2019). Para a modalidade, o processo de queda da ditadura militar representou a possibilidade de saída da clandestinidade. Com a modalidade voltando a ganhar cada vez mais força e atenção da mídia, o Estado começou a se ver pressionado a dar fim à proibição e, em 31 de dezembro de 1979, por meio da Deliberação n.10/79, o Governo revogou o Decreto-Lei que proibia as mulheres de praticarem diversos esportes: “Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação” (BRASIL, 1979).

Apesar da liberação da prática do futebol feminino pelo Estado, o esporte só viria a ser regulamentado pela Confederação Brasileira de Desportos e pela Confederação Brasileira de

Futebol em 1983, ano que marcou a realização dos primeiros campeonatos oficialmente normalizados, como o Campeonato Carioca de Futebol Feminino (ALMEIDA, 2017) e a primeira competição nacional brasileira, a Taça Brasil de Futebol Feminino (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020). Apenas no início da década de 90, em 1991, ocorreria a primeira edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) (MATIAS, 2020).

Mesmo com a continuidade da prática do futebol pelas mulheres, de forma irregular, durante o período de proibição, e de forma regularizada após a liberação pelo Estado, 40 anos de distanciamento da modalidade tiveram impacto direto no desenvolvimento do desporto. Com reflexos claros ainda na atualidade, no campo técnico e, principalmente, no campo social, tal afastamento construiu obstruções na construção da cultura do torcer pelo futebol feminino, demandando décadas até a reconexão dos torcedores com a modalidade.

2.3 O futebol feminino brasileiro na atualidade

Ao futebol feminino foi necessário um longo e árduo caminho temporal até a (re)conquista do reconhecimento social e do acompanhamento midiático em larga escala, mas como se deu o processo de consolidação da modalidade no país? Em que momento ocorreu a tão esperada virada de chave para o crescimento do consumo da modalidade?

No Brasil, o cenário da modalidade começa a mudar de patamar a partir da virada do século, com o início do processo de profissionalização da modalidade – que ainda perduraria muitos anos até a oficialização dessa medida – e com a criação dos primeiros campeonatos femininos a nível nacional, por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). No que tange às principais competições do calendário esportivo do país, foi realizada, em 2007, a primeira edição da Copa do Brasil de Futebol Feminino (ANJOS, 2018). Já o Campeonato Brasileiro Feminino, torneio mais consumido e disputado na atualidade, foi reativado apenas em 2013, após ter sido encerrado em 2001 (RAMOS, 2018). A tardia criação dos torneios demonstra que, há apenas 10 anos, ainda não havia indícios de aproximação do público brasileiro com a modalidade, uma vez que os torcedores não possuíam um calendário de partidas em que pudessem acompanhar o futebol feminino.

Atualmente, o calendário de competições nacionais de futebol feminino inclui os campeonatos estaduais, geralmente disputados no segundo semestre do ano, a Super Copa do Brasil, torneio que abre o cronograma de disputas, realizado no início do ano, e o Campeonato Brasileiro Feminino. A edição atual do Brasileirão Feminino é disputada dentro dos meses de março a setembro e conta com 3 divisões, o Brasileirão A-1, A-2, ambos com 16 clubes

participantes em cada, e o A-3, com 32 equipes participantes, incluídos os campeões estaduais do ano anterior e os clubes mais bem colocados no Ranking Nacional de Clubes Masculino – caso estes não possuam vaga na primeira e segunda divisão. Além do naipe adulto, a competição conta ainda com os torneios Sub-20, Sub-17 e o Torneio de Desenvolvimento de Futebol Sub-16 e Sub-14¹. Após o fim do Campeonato Brasileiro, as equipes que chegaram à final da edição anterior disputam a COMENBOL Libertadores Feminina contra as principais equipes da América do Sul². Com um calendário cheio, as jogadoras passam a ter a oportunidade de realizar contratos longos com os clubes, tendo a garantia de que terão jogos durante todo o ano. Desta forma, é possível que elas possam negociar melhores contratos e ter uma maior estabilidade em sua carreira, além de obrigar os clubes a manterem uma estrutura permanente dedicada ao futebol feminino.

Visando promover a profissionalização da modalidade feminina na América do Sul, por meio do Licenciamento de Clubes de 2018, tornou-se obrigatório que todos os clubes da série A do Campeonato Brasileiro tenham em funcionamento uma equipe principal feminina, adulta e de base. A medida vale também a nível Sul-Americano, tornando o regulamento obrigatório para as equipes participantes da CONMEBOL Libertadores Masculina e da Copa Sul Americana³. Visando uma maior igualdade de oportunidades de gênero, a medida incentiva a manutenção das equipes femininas por partes dos principais clubes do país, conseqüentemente os que mais possuem capital financeiro para investimento na modalidade e maior público torcedor para engajar com o naipe feminino.

No que tange a Seleção Brasileira Feminina de Futebol, um importante passo para a estruturação de uma equipe profissionalizada foi a convocação de uma seleção permanente, em preparação para os Jogos Olímpicos de 2016. Por meio desta medida, as jogadoras convocadas a representar a seleção no torneio passaram a possuir um extenso período de treinamentos em alto nível, exclusivo com os profissionais e treinadores da equipe, além de receber salários da entidade pelo período em que estivessem representando a mesma (ANJOS, 2018). Apesar de causar um afastamento das jogadoras em relação aos seus clubes, pois elas passam a ter dedicação exclusiva durante determinado período temporal, o projeto, em um primeiro momento, mostra a preocupação existente em fortalecer a modalidade via âmbito nacional.

¹ CBF, 2022. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/cbf-publica-calendario-das-competicoes-femininas-de-2022>. Acesso em: 08 nov 22.

² CBF, 2022. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/palmeiras-vence-boca-juniors-e-conquista-inedita-conmebol-libertadores>. Acesso em: 08 nov. 2022.

³ CONMEBOL. Regulamento de Licença de Clubes, 2018, p.40. Disponível em: <https://www.conmebol.com/wp-content/uploads/documents/reglamento-de-licencia-de-clubes-portugues.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Com uma melhor preparação técnica e física, melhores resultados são encontrados e, conseqüentemente, mais torcedores se tornam adeptos da modalidade, incrementando sua visibilidade e potencial retorno midiático e financeiro.

Dando continuidade à adoção de medidas que visam equiparar a seleção feminina à masculina, em 2020 a CBF anunciou que os valores de diárias e premiações pagos às atletas passariam a ser igualados à quantia paga ao plantel masculino, referentes aos períodos de preparação e disputa dos jogos⁴.

A Copa do Mundo de Futebol Feminina de 2019, realizada na França, é considerada um dos grandes marcos no que tange ao aumento do interesse social, comercial e do consumo midiático e *in loco* da modalidade, internacionalmente e, também, no território brasileiro (SBRISSIA, 2020). O torneio, até então, havia contado com sete edições oficialmente reconhecidas pela FIFA, tendo a primeira delas ocorrido somente em 1991, na China⁵, um ano após o naipes masculino ter realizado, em 1990, sua 14ª edição – o primeiro Mundial Masculino ocorreu em 1930⁶. O futebol feminino oficialmente começava, enfim, sua trajetória mundial com 61 anos de atraso em relação às equipes masculinas.

O Mundial de 2019 marcou a primeira vez em que a competição foi exibida, no Brasil, pela TV Globo, principal emissora de televisão do país e líder de audiência na rede aberta. Em edições anteriores as partidas da seleção brasileira foram transmitidas pela Band⁷. Apesar de a emissora ter o devido reconhecimento dentro do nicho específico que já acompanhava o futebol feminino em anos anteriores pelo seu longo apoio à modalidade, é inegável que há um gigantesco crescimento de audiência e cobertura da competição após a mesma chegar à Rede Globo:

Na TV fechada, o SporTV exibiu 48 dos 52 jogos da Copa, um crescimento significativo em relação a 2015, quando passou 23 partidas. No entanto, não basta apenas transmitir, é preciso divulgar. E esse foi um dos acertos das emissoras, que anunciaram constantemente a cobertura do torneio, fizeram matérias sobre as jogadoras e edições anteriores das Copas, deram voz a veteranas, trabalharam com o engajamento do público em redes sociais e promoveram debates antes e depois dos jogos (ONEFOOTBALL, 2019).

⁴ CBF, 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/presidente-da-cbf-anuncia-equiparacao-das-diarias-pagas-as-selecoes-br>. Acesso em: 08 nov. 2022.

⁵ CBF celebrará os 30 anos da Primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino. CBF, 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/cbf-celebrara-os-30-anos-da-primeira-selecao-brasileira-de-futebol-fem>. Acesso em: 02 out 2022.

⁶ Há 90 anos, Seleção Brasileira vencia o primeiro jogo em Copas do Mundo. CBF, 2020. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/ha-90-anos-selecao-brasileira-venca-o-primeiro-jogo-em-copa-do-mundo>. Acesso em: 02 out 2022.

⁷ POR que a Copa do Mundo de 2019 mudou o patamar do futebol feminino?. Stats Perform, OneFootball, 2019. Disponível em: <https://onefootball.com/pt-br/noticias/por-que-a-copa-do-mundo-de-2019-mudou-o-patamar-do-futebol-feminino-26250932>. Acesso em: 08 nov. 2022.

Tais fatores contribuíram para que a edição se tornasse a Copa mais vista no país. De acordo com o Grupo Globo, mais de 108 milhões de pessoas assistiram a pelo menos 1 minuto da competição em canais abertos e fechados, mais que o dobro do que havia sido alcançado na edição anterior, em 2015 (CAPELO, 2019). Mundialmente 993.5 milhões de espectadores únicos foram impactados pelo torneio por meio dos canais de televisão, um aumento de 30% em relação à edição anterior e, considerando todas as plataformas, a audiência supera a casa de 1.1 bilhão (FIFA, 2019).

Em partida válida pelas quartas de finais, o duelo entre Brasil e França foi assistido por mais de 58 milhões de pessoas mundialmente, sendo 35 milhões apenas em território nacional, alcançando um recorde de audiência para a seleção brasileira (ONEFOOTBALL, 2019). Segundo a FIFA (2019), o confronto pela medalha de ouro, entre Estados Unidos e Holanda, teve uma audiência aproximada de 82 milhões de espectadores, superando a marca de 263 milhões de pessoas alcançadas pela partida.

No Brasil, 19,9 milhões de pessoas assistiram à grande final do Mundial por meio da TV Globo e seu canal de assinatura, o SporTV, superando os 15,2 milhões de espectadores oriundos dos Estados Unidos, mesmo com sua seleção nacional presente na decisão do torneio⁸. Tais números comprovam que o consumo do futebol feminino não era apenas mais uma demanda e sim realidade. Os brasileiros querem assistir às mulheres jogarem bola e é por meio da oferta televisiva e midiática que a modalidade dá seus primeiros passos para se reencontrar de vez com o público e levá-lo, enfim, de volta para as arquibancadas de suas partidas.

Além dos importantes números de visibilidade alcançados pelo torneio, a Copa Feminina da França abriu o caminho para uma série de quebras históricas de recordes de público nas competições de futebol feminino. De acordo com o GE⁹, portal de notícias Grupo, o Mundial alcançou a marca de um milhão de ingressos vendidos, garantindo lotação máxima em todos os principais duelos da competição.

Acompanhando os altos números alcançados pelo Mundial, o futebol feminino continuou a crescer suas receitas advindas da bilheteria e, alcançando, em 2022, novos recordes de público nas principais competições da modalidade. Na Liga dos Campeões Feminina, uma das maiores competições de futebol do mundo, o clássico entre Barcelona x Real Madrid, válido

⁸ SENECHAL, Alexandre. Brasil registra a maior audiência do mundo para a final da Copa Feminina. Placar, 28 set 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/brasil-registra-a-maior-audiencia-do-mundo-para-a-final-da-copa-feminina/>. Acesso em: 02 out 2022.

⁹ COPA do Mundo Feminina na França chega a um milhão de ingressos vendidos. GE, Paris, 11 jun 2019. Copa do Mundo Feminina. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/copa-do-mundo-feminina-na-franca-chega-a-um-milhao-de-ingressos-vendidos.ghtml>. Acesso em: 02 out 2022.

pelas quartas de final, levou 91.553 torcedores ao Camp Nou - estádio da equipe catalã -, se tornando o novo recorde mundial de público da modalidade e superando, inclusive, os 86.442 espectadores que estiveram presentes na partida de maior público do naipe masculino na temporada 2021/2022, em um duelo entre as mesmas equipes, em partida válida pelo Campeonato Espanhol¹⁰. Já no clássico de Londres, válido pelo Campeonato Inglês Feminino, o Arsenal levou 47.367 torcedores ao seu estádio, o Emirates Stadium, em seu triunfo contra o Tottenham, quebrando o recorde de público da competição¹¹.

Seguindo o caminho dos principais campeonatos do mundo, o futebol feminino brasileiro vem acumulando, nos últimos anos, subseqüentes quebras de recorde nos campeonatos nacionais e estaduais. No dia 24 de setembro, o Brasileirão Feminino 2022 recebeu seu maior público na história da competição, quebrando o recorde de maior público da América do Sul. Na grande decisão da edição, 41.070 torcedores estiveram presentes na Neo Química Arena para ver a equipe do Corinthians, donas da casa, enfrentar o Internacional, no jogo de volta da final e levantar a taça de campeãs. O novo recorde superou os 36.330 presentes no confronto de ida, disputado no Beira Rio, casa das coloradas¹².

No Brasileirão Feminino A2, série de acesso à elite do futebol feminino brasileiro, também não faltou apoio dos torcedores do Ceará e do Atlético PR na disputa pelo título. Na partida de ida da decisão, em Curitiba, a Arena da Baixada contou com mais de 28 mil presentes na partida, realizada em 10 de setembro de 2022. No duelo da volta o Ceará recebeu em seu estádio mais de 7 mil torcedores, registrando o maior público da equipe na modalidade¹³. Apesar de menores quantidades em relação à série A do campeonato, os mais de 35 mil presentes na grande decisão da segunda divisão registram um importante e expressivo número para a modalidade.

O futebol feminino vê, enfim, cada vez mais seus torcedores frequentando as

¹⁰ LEMOS, Maria Fernando; MAGALHÃES, Mariah. Barcelona x Real Madrid quebra recorde de público do futebol feminino. Placar, 30 mar 2022. Elas na Área. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/coluna/elas-na-area/barcelona-x-real-madrid-quebra-recorde-de-publico-do-futebol-feminino/>. Acesso em: 02 out 2022.

¹¹ CLÁSSICO Arsenal x Tottenham bate recorde de público no Campeonato Inglês Feminino. GE, Londres, 24 set 2022. Futebol Internacional. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2022/09/24/classico-arsenal-x-tottenham-bate-recorde-de-publico-no-futebol-feminino-ingles.ghtml>. Acesso em: 02 out 2022.

¹² RECORDES de público e premiação marcam fim da décima edição do Brasileirão Feminino Neoenergia. CBF, 2022. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/recordes-de-publico-premiacao-e-grandes-jogos-marcam-fim-da#:~:text=Com%20recordes%2C%20grandes%20p%C3%BAblicos%20e,feminino%20de%20clubes%20no%20Brasil>. Acesso em: 02 out 2022.

¹³ TÍTULO e acesso! Ceará bate recorde de público e é campeão do brasileirão feminino A2. Onefootball, 26 set 2022. Disponível em: <https://onefootball.com/pt-br/noticias/titulo-e-acesso-ceara-bate-recorde-de-publico-e-campeao-do-brasileirao-feminino-a2-35909850>. Acesso em: 02 out 2022.

arquibancadas de seus jogos e dos principais estádios brasileiros e ao redor do mundo. Com essa ocupação, diversos modos de torcer são adaptados e readaptados em relação ao que foi construído nas arquibancadas do naipe masculino, de acordo com as individualidades características da modalidade e de seu público consumidor, questão que será discutida a seguir.

3 O FUTEBOL COMO UMA CULTURA DE MASSA: A REVERBERAÇÃO DE PRECONCEITOS NA MODALIDADE

Com o afastamento das mulheres, por décadas, da prática do desporto, era disponível aos torcedores o acesso somente às arquibancadas das partidas masculinas. Dessa forma, a construção dos modos de consumo do futebol teve, em todo seu processo, a idealização da modalidade como um espaço feito pelos homens e para os homens, replicando nas práticas da torcida os reflexos culturais presentes na sociedade.

É de conhecimento geral que o futebol é o esporte mais praticado e consumido no Brasil e é, também, conhecido como a grande “paixão nacional”. Porém, é preciso entender de que maneira se deu essa notável conexão entre o futebol e a sociedade brasileira. Neste capítulo iremos abordar o papel da mídia na construção das formas de torcer no futebol brasileiro, o surgimento e as práticas da torcida nas arquibancadas da modalidade e as questões de gênero advindas das décadas de proibição da prática do futebol feminino.

3.1 O papel da mídia na construção dos modos de torcer: o futebol como uma cultura de massa no Brasil

A prática e o consumo do futebol são intrinsecamente demarcados pela sociedade no qual a modalidade está inserida, uma vez que um possui influência direta sobre o outro (DAMATTA, 1982 *apud* CHRISTOFOLETTI; ROSA; 2018). Para entender a entrada e popularização do futebol no Brasil, é preciso investigar o contexto social brasileiro em determinados momentos da história e os principais agentes envolvidos no processo de difusão da modalidade no país.

Foi preciso ao futebol passar por um processo de incorporação cultural até se tornar o esporte mais popular do Brasil (HELAL, 2011). De acordo com Sevcenko (1992 *apud* KUPPER, 2018, p. 223), a origem do futebol no país foi marcada, ainda no início do século XX, como uma prática da elite aristocrática brasileira, atuando como um momento de lazer e ocupação do tempo livre das famílias que possuíam acesso às agremiações e clubes privados que ofertavam estrutura para sua prática. Consequentemente, a prática da modalidade foi desenvolvida culturalmente por um nicho muito específico da sociedade, distante do proletariado e das classes mais baixas.

Conforme detalhado por Kupper (2018), o futebol chegou oficialmente ao Brasil no final do século XIX, trazido pelo inglês Charles Miller, no estado de São Paulo, com o auxílio de Hans Nobiling, professor alemão responsável por fundar o clube Germânia, atualmente

nomeado Esporte Clube Pinheiros. Em seguida, ao voltar de seus estudos na Suíça, o carioca Oscar Cox trouxe a prática da modalidade para o Rio de Janeiro, tornando-se um dos fundadores do primeiro clube de futebol do estado, o Fluminense Football Club, em 1902.

O fato de São Paulo e Rio de Janeiro serem os principais expoentes da institucionalização da prática da modalidade no país nos ajuda a demarcar territorialmente e economicamente o status que o esporte possuía na sociedade naquele momento. O estado paulista se destacava como um dos pilares econômicos do Brasil, enquanto a cidade carioca era a capital política do país (KUPPER, 2018). Ainda de acordo com Kupper (2018), o regulamento dos primeiros torneios de futebol brasileiros permitia apenas a participação de jogadores alfabetizados e não realizadores de trabalhos braçais.

Evidencia-se, desta maneira, que o futebol se institucionalizou no território brasileiro pelas mãos da elite branca. Por consequência, o esporte, que viria a se tornar o mais popular do país, criou suas raízes culturais na segregação social, exclusão essa que sintetiza a história da sociedade brasileira, moldada pelas marcas da exclusão e da desigualdade.

Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, o futebol passou a ser visto pelo presidente como um forte aliado na mobilização das massas, agindo como um símbolo nacionalista, aspecto fortemente presente e almejado como *modus operandi* de seu governo (FRANCO JUNIOR, 2007 *apud* KUPPER, 2018). O futebol passaria então a ser tratado não mais como um lazer da elite brasileira e sim como um elemento da identidade nacional.

Visando promover a expansão da prática do futebol entre a classe operária, antes difundida apenas entre a elite, o presidente à época criou diversas instituições organizadoras de eventos e, em 1933, tornou oficial a profissão do jogador de futebol, sindicalizando a modalidade. Tais medidas foram estrategicamente coordenadas por Getúlio, ressignificando a simbologia do futebol e o atrelando aos objetivos de seu governo, reforçando a sinergia entre o esporte e a história da sociedade:

Dentro do imaginário político nacional, talvez o futebol seja o traço cultural mais relevante e que representa a cultura política brasileira. Isto porque é fato que a prática futebolística penetrou profundamente na vida do brasileiro, passando a fazer parte do seu cotidiano. Desta forma, entender a trajetória do “jogo da bola” é entender um pouco mais do Brasil, de sua história e de sua gente... Com a absorção do elemento futebol como componente de Estado a partir do governo Vargas, somados paixão, lazer, nacionalismo e heroísmo, pronta a receita que fez do futebol um poderoso instrumento social e político (quicá econômico) (KUPPER, 2018, p. 233)

Conforme explicitado, o futebol atuou como um importante aparelho ideológico do Estado para consolidação e popularização do regime imposto por Getúlio, servindo como um meio de impedir a proliferação da “consciência de classe” por parte do proletariado (RAMOS,

1984 *apud* HELAL, 2011). É também durante o governo Vargas que a mídia, mais precisamente a imprensa, começa a desempenhar um importante papel na popularização do esporte no território brasileiro. Helal (2011) reforça a visão de que a construção do Brasil como o “país do futebol” foi projetada por jornalistas e intelectuais presentes no projeto nacionalista do Estado Novo, servindo estes como um aparelho ideológico do Governo.

A cobertura esportiva por meio da imprensa vivia até então uma rápida expansão. Em 1912 existiam registros da existência de 5 jornais esportivos, já em 1930 eram comercializados 58 diferentes periódicos. Com a reformulação do futebol imposta por Vargas, os números de publicações continuaram a crescer no decorrer dos anos (KUPPER, 2018).

Com a midiaticização do futebol, diversos são os impactos percebidos no papel social e cultural que a modalidade possui. Por meio da leitura de Hjarvard, importante pesquisador do papel da mídia na cultura, Christofolletti e Rosa (2018) projetam a maneira com a qual a mídia interage com a sociedade contemporânea, reafirmando que ela atua como uma instituição social, uma vez que ela influencia e é influenciada por outras instituições. Ao falar sobre o futebol, a mídia aborda a modalidade de acordo com o papel social que ela possui e, ao interagirem, a imprensa passa a influenciar a maneira com a qual a sociedade enxerga e interage com o esporte.

O crescimento dos jornais e rádios foi um fator preponderante para a mobilização das torcidas, a tal ponto que todas as modalidades esportivas passaram a operar sobre a lógica midiática (CHRISTOFOLETTI; ROSA; 2018). Isto ocorre, pois, as equipes que mais estão presentes na mídia consequentemente conseguem gerar mais audiência e receitas para si, atraindo assim novos torcedores e investidores. Para estar presente para o máximo possível de telespectadores, os clubes devem operar de maneira a atrair a atenção da mídia, comprovando o processo de constante interação que ocorre entre as duas instituições.

Ao chegarmos na contemporaneidade, a mídia passa a ocupar então uma posição central na forma com a qual os torcedores interagem com seus times, uma vez que é por meio dela que consumimos informações sobre os clubes. Se o futebol e a mídia operam em lógicas complementares entre si, essa interação atravessa os modos a partir dos quais o torcedor constrói suas visões sobre o esporte.

Por possuir um gigantesco alcance de consumidores, o futebol passa a desempenhar um papel de propagador cultural, e, consequentemente, acaba por gerar uma massificação de específicos ideais culturais, sendo estes um conjunto de conhecimentos e crenças adquiridos e reproduzidos por um grupo particular de pessoas (GODOY, 1995). Christofolletti e Rosa (2018) exemplificam a maneira com a qual a mídia e os torcedores construíram e consumiram o

imaginário do futebol brasileiro como o espaço dos jogadores malandros, que apenas pensavam em “aproveitar a vida”, mesmo que isso significasse não seguir as regras:

Na década de 1970, o meio-campo da seleção brasileira, Gérson, fez uma propaganda de cigarros em que afirmava que, assim como no campo de futebol, ele buscava levar vantagem em tudo na sua vida. Essa linha de raciocínio permeou o imaginário brasileiro. Brasileiro virou sinônimo de malandro, de pessoas que buscam levar vantagens em todas as situações. A imagem do brasileiro malandro, personificada em jogadores como Gérson, Mario Sérgio, Garrincha, Romário durante algum tempo foi aceita e repercutida pela mídia e sociedade brasileiras (CHRISTOFOLETTI; ROSA, 2018, p. 136-137).

Como visto, o futebol representa aspectos da sociedade em determinado período da história e, no mundo contemporâneo, é a mídia que influencia a maneira com o qual o futebol dialoga com os aspectos culturais e sociais de seu povo. Nesse sentido, os preconceitos e as hierarquias entre grupos sociais presentes na cultura também atravessam as práticas das torcidas e são reforçadas por elas. Assim, o modo de torcer nas arquibancadas do futebol masculino é pautado por aquilo que nos é apresentado e vivenciado na sociedade. Ofensas homofóbicas, racistas e machistas se fazem presentes a todo momento durante o consumo do futebol, seja por meio de cânticos das torcidas ou de gritos dirigidos aos jogadores, árbitros ou adversários, com o intuito de ofender e difamar o receptor da mensagem (BALZANO; MUNSBURG; SILVA, 2018). O tratamento dado a situações semelhantes na prática de más condutas, infrações, ofensas e crimes é influenciado diretamente pela forma com que a mídia aborda o acontecimento. Se por um lado a mídia tem o poder de reforçar e atenuar casos que se assemelham a más condutas, ela também pode atuar como moralizadora, a fim de revisar e influenciar em mudanças contra casos de preconceito.

Ocasão vista com regular frequência na sociedade brasileira, como é de conhecimento geral, cenas de assédio também costumam ser comuns no meio esportivo, ambiente este construído por homens e para os homens, como explicitado anteriormente. Dada sua frequência, não é comum que tais casos apresentem grandes repercussões midiáticas, com os “agressores” saindo, assim, impunes. Contudo, um caso específico chamou atenção por uma reforçada cobertura midiática, em uma ação que surgiu após importante posicionamento do clube envolvido em suas redes sociais.

Trata-se de um caso de assédio ocorrido no dia 7 de setembro de 2022, envolvendo uma repórter do canal esportivo ESPN e um torcedor do Flamengo¹⁴. A ação ocorreu antes da partida

¹⁴ BRUZZI, Marcelo. Torcedor do Flamengo que assediou repórter é denunciado por ato libidinoso. G1, 22 set 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/09/22/torcedor-do-flamengo-que-assediou-reporter-e-denunciado-por-ato-libidinoso.ghtml>. Acesso em: 17 out 2022.

válida pelas semifinais da Libertadores entre a equipe carioca e o clube argentino Vélez Sarsfield, no Maracanã. Enquanto a jornalista Jéssica Dias falava ao vivo para a emissora, um torcedor rubro-negro deu um beijo, sem autorização, na repórter, na frente de toda a equipe de reportagem e de outros torcedores presentes no local. Após o ocorrido, a equipe do Flamengo postou um comunicado em suas redes sociais repudiando o assédio:

O Clube de Regatas do Flamengo repudia o assédio cometido por um torcedor rubro-negro com a jornalista da ESPN Jéssica Dias durante reportagem antes da partida desta noite. É lamentável que atos repugnantes como este, que não representam a Nação Rubro-Negra, ainda aconteçam¹⁵.

Após a publicação da nota pelo clube, a notícia foi repercutida por diversos jornais, trazendo ainda mais visibilidade para a situação. Ao ser denunciado pela jornalista e exposto publicamente, o Ministério Público do Rio de Janeiro o autuou por ato libidinoso, determinando ao acusado a proibição de saída do estado, de ter contato com a vítima e de estar presente em jogos do Flamengo após soltura.

A forte cobertura midiática, em conjunto com posicionamento ativo do clube, trouxe luz ao ocorrido, reforçando o repúdio a casos de assédio e reforçando que tal conduta não será mais aceita na sociedade atual. Os exemplos citados demonstram as diferentes possibilidades de atuação da mídia no consumo do futebol e a maneira com o qual ambas as instituições podem interagir entre si, tornando tangível essa correlação mútua.

Ao emitir diferentes visões dos acontecimentos, a mídia potencializa a experiência de consumo dos torcedores, que passam a se sentir cada vez mais pertencentes ao jogo. O torcedor não quer ser apenas mais um espectador da modalidade, mas sim reverberar aquilo que consome diariamente na sociedade. Desta forma, se faz notável a maneira com a qual a mídia e as redes impactam diretamente os modos de torcer nas arquibancadas do futebol brasileiro.

Desde sua chegada até sua popularização no país, o futebol esteve intrinsecamente associado aos padrões culturais da sociedade brasileira. Como a modalidade e seus torcedores interagem em uma nova realidade social, na qual a sociedade no geral passa a se focar na integração entre as diferentes identidades e não mais na clara segregação entre classes e raças vivenciada pela modalidade em décadas passadas? Se a modalidade sempre conviveu com a exclusão, seja em seus primórdios, ou na prática de casos de preconceitos contra determinados grupos sociais, é possível encontrar modos de torcer que busquem a integração das diferentes identidades?

¹⁵ FLAMENGO, 2022. Disponível em:

https://twitter.com/Flamengo/status/1567646916044853248?s=20&t=N28b_R1yVOz2ujdhyf91eg. Acesso em: 08 nov. 2022.

3.2 O surgimento e o papel da torcida nas arquibancadas do futebol

“Torcer”¹⁶: manifestação de paixão e apoio a uma pessoa, time ou agremiação.
“Paixão”¹⁷: expressão intensa de um sentimento, capaz de ofuscar a razão. O futebol é um esporte que notoriamente causa emoção em seus torcedores. Contudo, junto a esse sentimento, outras características se fazem presentes na rotina dos estádios da modalidade: a violência física e verbal, sejam elas direcionadas aos integrantes dos clubes, árbitros ou aos próprios torcedores.

Como visto anteriormente, o futebol se consagra em solo brasileiro como um esporte de massa, ocupando seu espaço na cultura da sociedade. Se o surgimento e a evolução do esporte acompanham os movimentos históricos do povo, os aspectos culturais dela se mostrariam nos traços constituintes das arquibancadas. Porém é preciso entender de que maneira ocorreu o surgimento de seus torcedores e as suas formas de interação enquanto consumidores *in loco* da modalidade.

Para Santos e Helal (2016) o movimento de expansão do futebol como modalidade esportiva oficial, por meio da criação de novos clubes e de competições, se deu de forma combinada com a formação de um “público assistente”, um primeiro vislumbre do que se tornaria aquilo que conhecemos hoje como torcida. A prática do futebol transicionava aos poucos da elite para a inclusão das classes operárias e, para aqueles excluídos, restava a possibilidade de acompanhar as partidas de fora e fazer, da única forma que lhes era possível, parte do “show”.

E foi somente após cair na graça do povo que a modalidade passou a receber a devida atenção jornalística (MÁRIO FILHO, 1994 *apud* TEIXEIRA, 1998). Ou seja, foi a classe popular a responsável pelo início do processo de massificação do futebol brasileiro. Se a mídia o fortificou em todos os cantos do país, o tratando como a “paixão nacional”, foram os torcedores os grandes responsáveis por darem um significado a essa simbologia criada pelo governo e pelos jornalistas.

Com o crescimento do interesse do público em acompanhar as partidas, inicia-se o processo de criação do que seriam os estádios de futebol. Em um primeiro momento, houve uma organização do espaço para delimitar os espaços entre as diferentes classes sociais. As tribunas, locais com coberturas e assentos, eram reservadas para a elite econômica disposta a arcar com ingressos mais caros. Já as arquibancadas – mais conhecidas à época como *terraces* – eram espaços erguidos no meio de escombros, em que não havia assentos. Com ingressos

¹⁶ DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/torcer/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

¹⁷ DICIO. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paixao/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

mais baratos, elas eram destinadas à classe trabalhadora, e constituíram o espaço em que se iniciou a construção de uma cultura torcedora mais popular e intensa (CRUZ, 2005). A segregação econômica vista na prática da modalidade à época passou a se dar também na diferenciação do consumo da partida pelas diferentes classes de torcedores, gerando assim diferentes culturas torcedoras, geradas devido ao distanciamento territorial existente entre a torcida presente nos locais de jogo.

A construção dos primeiros grandes estádios, arquitetados para compreender grandes públicos, foi coordenada pelo Estado a partir da década de 1940. O primeiro deles foi o Pacaembu, em São Paulo, seguido do Maracanã, em 1950, no Rio de Janeiro. E foram nesses grandes estádios que surgiram as famosas “gerais”, um setor popular voltado para a comercialização de ingressos mais baratos. Esses ambientes se tornaram emblemáticos pela cultura torcedora envolta em festa (SANTOS; HELAL, 2016).

Um dos principais motivos para o futebol ter alcançado tamanha popularidade, angariando para si uma legião de torcedores, é a possibilidade de expressar os problemas cotidianos por meio das emoções e sentimentos vividos ao acompanhar o esporte (DAMATTA, 1982, p. 40 *apud* HELAL, 2011, p. 19). Com os torcedores mais pobres se amontoando para ver os jogos nas gerais, com uma péssima visualização da partida, restava a eles transformar o jogo em um evento, dando voz às suas emoções e transformando as angústias do dia a dia em festa. Porém, ao reunir milhares de pessoas em um mesmo local, todos os estigmas e violências da sociedade encontravam um ambiente “sem lei”, onde violências começaram a ser praticadas e percebidas.

Assim, a criação dos setores populares possui um impacto direto na construção dos modos de torcer nas arquibancadas do futebol, uma vez que a mesma passa a ser tomada pela classe trabalhadora, composta em sua maioria por homens, conforme destacam Santos e Helal:

A formação da cultura torcedora popular, por sua vez, também nasce num contexto de tomada dos estádios por uma classe trabalhadora masculinizada que conquistava aos poucos o direito ao tempo livre, com a redução da jornada de trabalho, como a que desembocaria no mote “8 horas de trabalho, 8 horas de descanso, 8 horas de lazer”. Ainda que muitas mulheres já fossem trabalhadoras assalariadas desde muito novas, ao contrário dos homens, não tinham o seu “tempo livre” designado ao lazer, fosse ele gratuito ou pago. O lugar da mulher fora da fábrica era reservado ao trabalho reprodutivo, dentro do ambiente doméstico (2016, p.58).

Como consequência, os autores reforçam que a partir desse processo de massificação do público dos estádios, junto ao afastamento das mulheres desses espaços, os valores culturais da torcida brasileira passam a ser pautados pela masculinidade, virilidade e pela ode à força, aspectos associados culturalmente, de maneira hegemônica, à classe mencionada

anteriormente. Esses elementos tiveram impacto direto na cultura sexista e homofóbica experienciada nos estádios até os dias atuais.

A perpetuação e o reforço desses aspectos culturais dentro e fora dos estádios se transformam, na prática, em violências físicas e verbais por parte da torcida. Para Elias e Dunning (1986 *apud* HELAL et al, 2012) as motivações para tais práticas se dão pela responsabilidade daqueles que a praticam e pela visibilidade proporcionada a eles entre a própria torcida e pelos meios de comunicação. Quando em grupo, os indivíduos se permitem dar voz a preconceitos carregados consigo, se pautando na proteção que receberão de seus iguais e em uma possibilidade quase nula de punição.

Para Coriolano e Conde (2016) a manifestação da violência física está intrinsecamente entrelaçada ao nível de fanatismo dos torcedores, interferindo significativamente na convivência pacífica nos estádios. Já a violência verbal, para os autores, não possui relação comprovada com o fanatismo, o que corrobora a teoria apresentada por Helal et al. (2012) de que esse tipo de comportamento diz respeito aos ideais culturais desses torcedores.

Buscando alterar o perfil dos estádios brasileiros, visando uma modificação estrutural dos mesmos, a partir da década de 1990, o Estado passa a utilizar as violências praticadas como argumento para o aumento do preço dos ingressos e consequente alteração do público presente nesses espaços. Para isso, os principais estádios do país passam a ser reformulados para adotarem o padrão de arenas, instituído a nível mundial pela FIFA para os países que desejassem sediar a Copa do Mundo, a fim de implementar um modelo base para a realização das partidas (SANTOS; HELAL, 2016).

Dessa forma, com o fim das “gerais” e aumento dos preços dos ingressos, as classes mais pobres da população passam a não ter mais condições de frequentar os jogos como antes, alterando assim drasticamente o público presente nas arquibancadas do futebol. Para Santos e Helal (2016), tal medida visava levar aos jogos apenas os torcedores que eram vistos como indivíduos de caráter mais passional, evitando assim a perpetuação das violências antes comuns. Podemos ver que há uma associação discursiva entre a violência e a classe trabalhadora, naturalizando a elitização do esporte como caminho para a mudança de cultura das torcidas. Por outro lado, a problematização de questões como os valores culturalmente associados à performance de uma masculinidade heterossexual hegemônica e o racismo passa ao largo desse processo, sendo intensificada no debate público sobre o esporte mais recentemente.

Apesar das tentativas de reformulação dos modos de torcer por meio das alterações nos estádios e nos torcedores presentes nas partidas, a continuidade das agressões verbais demonstra

que estas se tornaram um componente culturalmente construído e demarcado nas arquibancadas do futebol. Um exemplo dessa continuidade são os gritos e cantos homofóbicos ainda presenciados em partidas. Em jogo realizado pelo Campeonato Brasileiro de 2019, entre Vasco e São Paulo, cânticos homofóbicos foram entoados pela torcida presente no estádio. Ao ouvir a violência verbal, o árbitro Anderson Daronco paralisou a partida até que os gritos fossem cessados. A atitude marcou a primeira vez que uma partida de futebol foi paralisada no Brasil devido a cantos preconceituosos da torcida (RANIERI; LOIS, 2020).

De acordo com suas composições sociais, econômicas e raciais, as arquibancadas do futebol constituem diferentes maneiras de torcer, mas sempre um fator parece estar presente nesse espaço: as violências. Será que a cultura do torcer possui espaço para toda a diversidade de torcedores que acompanham e vibram por uma mesma equipe?

3.3 As questões de gênero nas arquibancadas de futebol

Como resultado do apagamento momentâneo do futebol feminino durante a imposição do Decreto-Lei, às mulheres, expulsas do campo, restaram apenas as arquibancadas do futebol masculino. É esse cenário o ponto inicial para compreender e discorrer acerca de suas disputas por espaço, respeito e reconhecimento enquanto torcedoras.

As arquibancadas de futebol no Brasil se mostram como um espaço cercado de torcedores com diferentes vivências, conforme debatido anteriormente. Contudo, tais realidades se referem a um quantitativo expressivamente masculino. Moraes (2017) complementa essa visão ao destacar esses espaços como locais demarcados pela exaltação e expressão da masculinidade e da virilidade, componentes esses que dialogam diretamente com a falta de pertencimento sentida por parte do público feminino, que convive cotidianamente com tensões geradas pela sua presença nas arquibancadas.

A presença das mulheres nas partidas, no entanto, data das primeiras décadas de surgimento do futebol no Brasil, conforme afirma Bonfim (2019). De acordo com a autora, o incentivo à participação feminina na torcida, principalmente do turfe e do futebol, era muito comum entre as famílias aristocráticas, na condição de sócias-acompanhantes de seus pais e maridos. As jovens mulheres eram as principais responsáveis pela organização de atividades sociais dentro dos clubes, além de ocuparem notadamente as arquibancadas dos espaços em que ocorriam as partidas.

Sua presença era tão marcante que a elas foi atribuído o significado da criação do termo “torcedoras”, por parte da mídia esportiva da época, uma vez que elas eram conhecidas pelo balançar suas fitas e lenços, os torcendo nos momentos de aflição durante as partidas

(RODRIGUES FILHO, 2003 *apud* BONFIM, 2019). Pessanha (2020) reforça que a presença das torcedoras nos estádios era tão comum à época que as mesmas eram vistas como “profissionais do torcer”, por sua animação e incentivo ao clube e aos jogadores. Ainda segundo o autor, um forte motivo por trás da presença das mulheres nas arquibancadas era a possibilidade oferecida às jovens de família mais abastadas de encontrar pretendentes mais favorecidos economicamente. Se por um lado sua presença era notada, já se demonstrava os primeiros indícios do questionamento de suas motivações para ocupar determinado espaço.

Independentemente do local que tentavam ocupar, seja nos campos ou nas arquibancadas, as mulheres eram definidas, pela mídia e pelos torcedores, por sua aparência e atributos físicos. Pessanha destaca que o papel esperado das mulheres nestes espaços, para a sociedade, era unicamente o de embelezar e trazer graça aos eventos esportivos:

Ao ser presença garantida no espetáculo futebolístico do começo do século XX, as mesmas não eram, necessariamente, reconhecidas por serem torcedoras e por estarem nas arquibancadas apoiando seu time. Eram vistas, sobretudo, como uma peça de embelezamento do espetáculo, contribuindo desta forma, muito mais para a composição visual do jogo do que como manifestantes de alguma paixão torcedora (2020, p. 23).

Para o autor, a arquibancada do futebol era, à época, uma extensão do cotidiano de vivência dessas mulheres, que eram obrigadas a conviver com a vigilância e o cerceamento de seus corpos e comportamentos, processo que pode ser percebido pela maneira com o qual a imprensa se referia às torcedoras, ao relatar os acontecimentos das partidas. O periódico *Jornal dos Sports*, pertencente ao jornalista Mário Filho, se mostrava um dos principais jornais esportivos da época e constantemente narrava casos referentes à presença dessas torcedoras. Apesar do destaque recebido, essas reportagens demonstravam na prática a visão machista colocada sob essas mulheres, conforme exemplificado na matéria do citado jornal:

O lado rubro-negro ficou agitado quando uma mulher passou com uma bandeira vascaína. Foi vaiada e salva de maiores problemas por um rubro-negro mais gentil que lhe deu cobertura. Outro mais fanático agrediu o próprio companheiro por ajudar o inimigo. No meio da agitação, duas belezas flamenguistas pedem licença para conseguir um lugar mais confortável na arquibancada. E a turma rubro-negra esquece a guerra para brindar suas apetitosas torcedoras com os fiu-fius indispensáveis (*JORNAL DOS SPORTS*, 02/05/1968. p. 10 *apud* PESSANHA, 2020, p.41)

Como demonstrado, as mulheres tiveram sua presença no ambiente do futebol marcada pela objetificação, vistas como peças de embelezamento e enfeite das arquibancadas, tendo desconsiderada a paixão por seu clube e pelo esporte. Tais estereótipos reforçavam o preconceito e discriminação sofrida por essas torcedoras, apresentando reflexos no ambiente esportivo ainda no século XXI, sendo preciso que, ainda hoje, essas torcedoras precisem lutar

por um espaço em tudo que envolve o espetáculo do futebol. Para reforçarem e afirmarem a importância de sua presença como espectadoras, fez-se fundamental o surgimento de coletivos e torcidas organizadas formadas e lideradas por mulheres (PINTO; BONFIM, 2017). Pautados nas questões de gênero, tais movimentos se originam na reivindicação do direito das mulheres de serem reconhecidas enquanto torcedoras, com o mesmo nível e importância que os homens julgam ter, confrontando o machismo recorrente no mundo futebolístico.

Um dos primeiros movimentos de “repaginação” das arquibancadas se deu por meio da criação das *torcidas jovens*, nas décadas de 1960 e 1970, que possuíam como ideal a contestação contra o tradicionalismo de seus clubes, visando romper com os comportamentos das torcidas históricas, que carregavam consigo um viés mais tradicional e pragmático. A juventude, força motriz das autodenominadas Torcidas Jovens, carrega consigo a ideia de renovação de valores e práticas sociais provindas por meio de suas interações com gerações anteriores à sua. Pessanha (2020, p. 34) corrobora essa visão ao projetar que “a juventude passa a ser vista não como uma etapa da vida estabelecida, que não pode ser questionada, mas como uma categoria móvel, que é definida a partir do conflito e da interação”. Para o autor, foram dessas torcidas que saíram as bases e premissas dos conceitos de contestação e reformulação das formas de torcer. Tais princípios viriam a ser encontrados nas missões carregadas pelas torcidas organizadas femininas que surgiriam posteriormente.

Tratadas como meros objetos decorativos ou como acompanhantes de seus “responsáveis” durante décadas, a presença das mulheres nas arquibancadas criava tensões no que era tratado por muitos como um espaço reservado para os homens. Essa inquietação alcançou novos níveis a partir da década de 1970, com a criação de organizações pensadas pelas e para as torcedoras. A primeira torcida feminina de que se tem registro é a Camisa 12, fundada em 1973 por torcedoras do Vasco da Gama. Formada por sócias do clube, as integrantes se reuniam em um espaço pré-determinado da arquibancada, portando consigo instrumentos musicais, nos já conhecidos moldes das torcidas organizadas. Outra conhecida torcida feminina é a Flu Mulher, criada em 2006 por torcedoras do Fluminense (PESSANHA, 2020). Em 2019 surge o primeiro consulado feminino do Flamengo, o Consulado Meninas SRN¹⁸, com a missão de fomentar a presença feminina nas arquibancadas e fora delas, por meio da realização de campanhas sociais, ressignificando o papel das torcidas organizadas para além das ações de apoio ao seu clube. A criação desses movimentos em espaços temporais distantes demonstra que as lutas iniciadas no século XX perduram até os dias atuais, mostrando que é necessário

¹⁸ Consulado Meninas SRN. Disponível em: <https://meninassrn.wixsite.com/consulado>. Acesso em: 08 nov. 2022.

ainda hoje a reivindicação das torcedoras por seu espaço.

Contudo, a falta de contato com a prática do futebol em suas trajetórias indica que as reivindicações feitas por essas torcedoras carecem de credibilidade perante aqueles que tiveram suas identidades moldadas no convívio cotidiano com a prática da modalidade. Para Costa (2006, p. 4), “[...] elas costumam ser dissociadas do esporte mais popular do país. Daí a necessidade de mostrarem que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos”. Com a naturalização de sua presença enquanto espectadoras do futebol masculino, uma vez que o naipe feminino foi renegado à sociedade brasileira por décadas, a cultura do torcer reverberada nas arquibancadas masculinas apresenta reflexos na maneira pela qual as mulheres se relacionam com o futebol. Nesse sentido, se faz necessário entender a importância e o resultado das práticas reivindicadas pelas torcidas organizadas femininas e por aquelas que, mesmo sem estarem dentro dessas organizações, lutam para ocuparem seu espaço como protagonistas nas arquibancadas dos estádios.

Para Sbrissia (2020) as discussões de gênero, pautadas pelo feminismo, possuem uma forte influência na maneira pela qual a reprodução dos preconceitos já citados é combatida e repudiada nas arquibancadas, reforçando o papel que o futebol pode apresentar na disrupção de uma identidade social e cultural pautada sobre uma ótica sexista, conforme afirma:

O feminismo tem um papel fundamental para que o protagonismo feminino no futebol seja reconhecido [...] Há uma necessidade de legitimação e pertencimento acentuada porque o futebol, desde que começou a ser praticado, carrega valores e aspectos androcentristas, que se afirmam através de cantos e gestos usuais das torcidas, que buscam sempre exaltar “atributos masculinos de potência, viralidade”, e isso dificulta ainda mais a inserção da mulher como figura atuante e legitimada na torcida e prática futebolística (SBRISIA, 2020, p. 27).

Assim sendo, as lutas feministas representam muito daquilo que constitui os avanços buscados pelas mulheres no âmbito esportivo. Se a elas foi preciso lutar por legitimação e protagonismo enquanto membros da sociedade, como forma de ato político, o mesmo ocorre enquanto consumidoras do futebol, conforme explorado. Exemplo semelhante aos espaços de mobilização e discussão propostos por grupos feministas, em 2017 ocorreu o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada¹⁹, no Museu do Futebol, em São Paulo. Reunindo aproximadamente 300 torcedoras, com integrantes de mais de 40 torcidas e coletivos, por meio dos motes de resistência e empoderamento, o evento buscava a proposição de melhorias e evoluções quanto à participação das mulheres nos espaços de torcer. Aliada a esses

¹⁹ Centro de Referência do Futebol Brasileiro, Museu do Futebol, 2017. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/662830/>. Acesso em: 08 nov. 2022.

movimentos, a realização da Copa do Mundo Feminina de 2019, com uma gigantesca cobertura midiática e considerável alcance no país, abre caminhos para que elas ganhem legitimação em suas demandas. Assim, o crescimento do futebol feminino brasileiro proporciona um novo ambiente de consumo da modalidade, mais acessível e aberto às torcedoras.

Com a repopularização e crescimento da modalidade feminina no país, a paixão carregada dentro das torcedoras por seu time de coração e pelo esporte as levam a reencontrar um espaço que, por ter sido renegado, não pôde construir sua própria identidade e cultura. Por muito tempo consumidoras apenas do futebol masculino, é natural que suas práticas de torcer se deem a partir da construção de uma identidade cultural ligada a aspectos advindos do pertencimento aos grupos que compõem as arquibancadas da modalidade, conforme abordado por Hall (2006). Ao realizarem o deslocamento para as arquibancadas do naipe feminino, as torcedoras carregam consigo uma maneira de torcer já enraizada em seus costumes, sendo esta carregada de preconceitos e maneirismos sexistas. A partir disso, ao relacionarmos as discussões de gênero com a forte presença feminina nos jogos da modalidade, podemos nos perguntar se, nas arquibancadas do futebol feminino, haveria uma ruptura com a cultura machista e heterocentrada do naipe masculino.

4 METODOLOGIA

4.1 Referencial Teórico

Por meio do mapeamento da revisão sumária da literatura temática, foi utilizada a leitura seletiva (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007), com o objetivo de aprofundar a pesquisa bibliográfica. Tal processo foi escolhido visando a localização de obras que se assemelhavam com as perguntas de pesquisa formuladas para o seguinte ensaio, por meio da utilização dos seguintes critérios:

- A. Aproximação com o objeto de estudo;
- B. Estabelecimento de diálogo entre gênero e futebol;
- C. Exemplificação empírica sobre vivências na arquibancada.

Buscando uma introdução sobre a relação entre a sociedade e o futebol e a forma de consumo dos torcedores para com a modalidade, nos naipes masculino e feminino, tais bibliografias serviram como base de apoio e referência para o presente estudo. Tendo como finalidade principal, então, se aprofundar no problema de pesquisa, que versa sobre a construção cultural e social por trás da reprodução de preconceitos e violências, por parte dos torcedores, nas partidas de futebol masculino, o meio de abordagem escolhido para este trabalho foi o qualitativo, que servirá como método para validação da pergunta central de que, nas arquibancadas do futebol feminino, vem sendo construída uma cultura do torcer que diverge e rompe com diversas práticas culturais presentes nas partidas do naipe masculino.

Apoiado neste processo, partiremos para validação das premissas por meio da análise qualitativa, uma vez que o método escolhido engloba com maior profundidade as relações sociais entre os seres humanos e seus fenômenos culturais. Visando trabalhar o lado subjetivo e variável de cada indivíduo ou grupo, explorado por Minayo e Sanches (1993), buscaremos concatenar a relação entre os valores, crenças, hábitos, costumes e comportamentos das torcedoras enquanto consumidoras *in loco* de partidas de futebol feminino. Para isto, usamos o instrumento metodológico da entrevista em profundidade, realizando um conjunto de entrevistas semiestruturadas, com o intuito de desencadear informações mais detalhadas acerca da relação entre os atores sociais e suas vivências (GASKELL, 2002 *apud* BAUER; GASKELL, 2002).

4.2 Amostragem

No que tange à técnica de amostragem, para a pesquisa foi adotado o uso de uma

população-alvo-definida, definido por Hair *et al.* (2014, p. 142) como: “um grupo completo de elementos (pessoas ou objetos) identificado para a investigação com base nos objetivos do projeto de pesquisa”. A base de amostragem foi, então, definida de acordo com critérios julgados relevantes para a pesquisa, como: conhecimento, identificação e vivência com o objeto de estudo, as arquibancadas do futebol feminino. Para que possamos analisar as premissas de que o gênero consumidor da modalidade possui influência nas dinâmicas culturais de pertencimento e/ou exclusão durante a vivência no ambiente do futebol, optamos pela entrevista apenas com torcedoras do gênero feminino.

Como forma de afunilar o escopo territorial, utilizamos os centros com maior presença de equipes femininas nos principais campeonatos nacionais – no naipe masculino e feminino – , fator esse que, conseqüentemente, fornece uma maior quantidade de consumidoras que acompanham *in loco* as partidas de futebol de seus clubes, por possuírem uma maior quantidade de jogos e maior atratividade nos confrontos. Sendo assim, as entrevistas em profundidade serão realizadas com a seguinte população-alvo-definida: mulheres, entre 16 e 30 anos, que sejam residentes do Rio de Janeiro ou de São Paulo e que já tenham estado presentes nas arquibancadas de partidas masculinas e femininas. As entrevistadas permaneceram anônimas na pesquisa, sendo identificadas como E1, E2, E3, E4 e E5.

Assim sendo, a pesquisa se deu de forma não probabilística, uma vez que a coleta será baseada em critérios particulares, reconhecendo que não há a possibilidade de representar toda a população consumidora da modalidade e sim apenas um grupo particular de pessoas. (COHEN; MANION; MORRISON, 2002).

4.3 Instrumentos de Pesquisa

Visando uma melhor contribuição para o entendimento acerca dos modos de torcer nas arquibancadas do futebol feminino, o primeiro instrumento de pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada, usando um conjunto de perguntas pré-definidas, com foco nos principais elementos envolvidos no problema de pesquisa. Para isto, houve a construção de um tópico guia (BAUER; GASKELL, 2002), fundamentado por meio da combinação entre as leituras analisadas neste trabalho e as indagações estruturadas durante a pesquisa, criando assim um referencial base de todos os temas a serem trabalhados durante a entrevista (APÊNDICE). Foi mantida a intenção de se aprofundar as experiências vividas pelas entrevistadas, mantendo um caminho aberto para o surgimento de novas indagações que não estavam anteriormente previstas no roteiro (COLOGNESE; MELO, 1998), aproximando o pesquisador do entrevistado, criando assim uma conversa fluida e mais sincera.

Para este processo, foram realizadas entrevistas individuais com torcedoras que possuíam vivência ativa dentro do futebol feminino, tendo presenciado de forma vívida as diferenças existentes para com o futebol masculino, podendo, estas, contribuir de forma aprofundada quanto à presença de casos de preconceitos reproduzidos dentro das arquibancadas da modalidade. A escolha pelas entrevistas individuais se deu para que fosse possível relatar as experiências pessoais de forma mais detalhada, além da dificuldade em recrutar um grupo de pessoas, que vivem em localidades distintas, em um único encontro. A seleção de entrevistadas se deu, em um primeiro momento, por experiências prévias da autora, com nomes conhecidos durante sua vivência pessoal no ambiente do futebol. Em um segundo momento foi utilizada a técnica de amostragem em bola de neve (VINUTO, 2014), utilizando as primeiras entrevistadas como “sementes”, pretendendo-se chegar até potenciais novas respondentes que possuíam perfil necessário para se enquadrar no corpus da pesquisa. Assim, foram entrevistadas 5 torcedoras, no período entre 25 de novembro e 3 de dezembro de 2022, a partir da plataforma Google Meet. As entrevistas tiveram a duração em torno de 30 minutos.

No que tange à análise dos dados, a interpretação dos resultados coletados pautou a última etapa do presente estudo. Para isso, foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Nela, em um primeiro momento, foi realizada uma pré-análise dos materiais das entrevistas a partir dos conceitos teóricos e estudos que compõem o corpus da pesquisa. Em seguida, os dados coletados resultaram na criação das categorizações que foram exploradas durante o estudo e utilizadas na criação e seleção das perguntas presentes nas entrevistas semiestruturadas. Foram criadas três categorias a serem exploradas na discussão: nasce uma torcedora, a reprodução de violências nos estádios de futebol e a cultura do torcer nas arquibancadas do futebol feminino. Na etapa seguinte, após formuladas as categorias determinadas anteriormente, foi realizada uma nova leitura da pesquisa, visando a interpretação dos resultados obtidos.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Através da realização das entrevistas em profundidade se tornou possível compreender os comportamentos e hábitos de consumo das torcedoras de futebol de maneira individualizada, tendo como norte as diferentes subjetividades das vivências em sociedade experienciadas por esses personagens, conforme explorado por Minayo e Sanches (1993). Desta forma, se tornou possível realizar o cruzamento de resultados empíricos com os dados colhidos por meio do referencial teórico examinado.

No decorrer dos diálogos foram percebidos importantes semelhanças nos depoimentos das entrevistadas, que puderam nos aproximar da pergunta central levantada durante a pesquisa. Visando um melhor levantamento dos tópicos trabalhados durante as entrevistas, decidimos por categorizar os principais pontos de interesses explorados no presente estudo: a criação de vínculos entre o torcedor e seu clube, as experiências vividas nos estádios de futebol e suas percepções acerca da cultura torcedora presenciada nas arquibancadas do futebol feminino.

Seguindo os critérios de público-alvo definidos durante a metodologia, as entrevistadas compartilham perfis distintos, porém com importantes semelhanças que nos permitem delinear uma representação do perfil de parte das consumidoras do futebol feminino. Das 5 entrevistadas, 3 são residentes do Rio de Janeiro, enquanto 2 moram em São Paulo, locais com maior concentração de clubes na elite do futebol masculino e feminino. Das moradoras do Rio de Janeiro, 2 são torcedoras do Flamengo, principal representante do estado no naipe feminino, e 1 torce para o Botafogo, clube campeão do Campeonato Carioca Feminino em 2022. As representantes de São Paulo torcem para o Corinthians e o Santos, duas potências da modalidade na última década. Em relação à idade das entrevistadas, tivemos respondentes englobando a faixa etária dos 19 ao 24 anos de idade. No que tange ao perfil acadêmico, todas estão cursando o nível superior de ensino, com 1 das respondentes já tendo se formado, com a presença dos cursos: Gestão Pública, Publicidade, Jornalismo e Arquitetura.

5.1 Nasce uma torcedora

A paixão pelos seus clubes de coração é um traço em comum entre todas as entrevistas. Mesmo que tenham se tornado torcedoras em diferentes idades e circunstâncias, todas relatam possuir um amor inexplicável pelo seu time. Conforme explorado por Bonfim (2019), grande parte dos depoimentos citam que o fator fundamental para o início de sua paixão pelo esporte foram relações familiares, carregando o amor pelo time através das gerações de sua família.

Para E1, a paixão pelo Flamengo surgiu apenas em 2022, após ver o amor que seu avô

carregava pelo time, mesmo morando longe do Rio de Janeiro, estado de criação do clube. Já no caso de todas as outras entrevistadas, o sentimento passou a existir desde o momento que se entenderam por gente, conforme detalha E3:

Desde pequena eu sempre gostei de futebol, minha família também sempre gostou, sempre foi todo mundo muito ligado em esportes. Eu acho que foi influência do meu pai que eu acabei gostando do Santos, minha família toda praticamente é corinthiana, mas eu me apaixonei pelo Santos, eu gostava de ver o Robinho pela TV, aí eu me apeguei, gostei e comecei a assistir. Foi crescendo a partir dos anos que eu ia assistindo e entendendo mais, na real eu comecei a assistir eu tinha uns 4 anos, fui assistindo e nunca mais parei.

Conforme explorado anteriormente, é possível demarcar importantes semelhanças no que tange a sensação de torcer para seu time. “A minha relação com o meu time é bem paixão absoluta... Uma paixão quase cega, sabe? Em alguns momentos é quase intrínseco de mim viver essa paixão”, expressou E2. Complementando essa visão, E5 externa que “não importa se o time está bem ou mal, se eu estou bem ou mal, tudo o que importa é o Flamengo, tudo o que importa é estar ali vendo meu time jogar, é quase como uma religião”. O sentimento de que o amor está ali presente a todo momento, independentemente dos resultados entregues pelo time, também é compartilhado por E3, ao relatar que “eu acho que realmente só quem gosta desse time, é apaixonado, é torcedor de verdade, aguenta, porque é muita porrada que a gente leva por gostar desse time. Mas, é uma família que você cria.”

Ainda dissertando sobre o primeiro contato com o esporte, se mostrou muito comum, durante as entrevistas, a reprodução desse sentimento de apego ao futebol partindo de seus pais, reforçando a ideia de que a modalidade é, tradicionalmente, mais consumida pelos homens, uma vez que eles cresceram em um cenário no qual sempre tiveram um maior incentivo para praticarem e consumirem o esporte. Corroborando a perspectiva exposta por Moraes (2017), que afirma que os estádios acabam sendo demarcados por uma maior presença de um público masculino, E2, E3, E4 e E5 relatam que sua primeira experiência nas arquibancadas se deu por meio de uma figura paterna, sendo estes os responsáveis por levá-las aos jogos, até que acreditassem ter idade para frequentar sozinhas esses espaços.

Diferentemente do cenário visualizado no consumo do naipe masculino, as entrevistadas relatam ter começado a efetivamente consumir o futebol feminino apenas quando mais velhas, muito devido à falta de visibilidade e acessibilidade oferecidas à modalidade feminina. Como visto anteriormente, a Band foi uma importante aliada do futebol feminino no que diz respeito a promover a prática da modalidade, por meio da transmissão de jogos de clubes e da Seleção, conforme destacado por E1: “Eu acompanhava os jogos até quando eu era criança, tenho uma memória muito grande que passava muito jogo feminino na Band e aí eu criança ficava

mudando os canais e aí eu via o futebol feminino.”

Contudo, ainda sim as entrevistadas relatam muito dificuldade em acompanhar a modalidade, uma vez que o “problema do futebol feminino é, obviamente, não tem tanto alcance né, não tem tanta visibilidade, não tem tanta gente informando onde vão ser os jogos e também acho que não tem companhia”, afirma E1. Esses fatores acabavam por afastá-las do consumo do futebol feminino, conforme discorre E4:

Por sempre ter gostado também de jogar futebol, sempre tive interesse em acompanhar o futebol feminino, mesmo que não tivesse muito onde assistir os jogos durante grande parte da minha vida, então sempre foi muito difícil de realmente acompanhar meu time ou ir ao estádio assistir os jogos. Nos últimos anos a modalidade começou a ser mais valorizada e, após a pandemia, eu finalmente consegui assistir presencialmente um jogo do Flamengo feminino.

Para E2 e E5, a intensificação da cobertura midiática da modalidade foi um importante fator para que o acesso a informações sobre a equipe feminina se tornasse mais fácil e democrático, conforme pudemos observar ao analisar os recordes de audiência e bilheteria alcançados após a intensa presença da modalidade nos veículos de mídia durante e após a exibição da Copa do Mundo Feminina de 2019.

Tal situação demonstra a importância de políticas de apoio à prática do futebol pelas mulheres, principalmente por parte da mídia e da CBF, conforme analisado anteriormente. Foi a partir da valorização dada às principais competições nacionais e, também, da grande repercussão atingida após a cobertura midiática realizada durante a Copa do Mundo Feminina de 2019, que o futebol feminino pôde começar a construir uma cultura de torcedores, que puderam passar, enfim, a frequentar os estádios e, conseqüentemente, se aproximar ainda mais de seus times.

5.2 A reprodução de violências nos estádios de futebol

Consumidoras ativas das arquibancadas de futebol, diversos momentos acabam por marcar suas trajetórias enquanto torcedoras. Porém, um traço em comum relatado por todas as entrevistadas são situações que as marcaram de maneira negativa, muitas delas derivadas de situações de preconceitos. Ademais, esses acontecimentos possuem mais um fator em comum: todos os momentos negativos foram presenciados nas partidas de futebol masculino, em forma de ações de violência ou por atos preconceituosos, situações já explanadas por Balzano, Munsberg e Silva (2018). Fato normalizado entre as torcidas, cantos homofóbicos se tornaram um costume nos estádios, principalmente em clássicos, conforme demonstra E2: “Em um

clássico do Santos contra o São Paulo, recentemente, eu estava na torcida e por não estar gritando coisas homofóbicas contra o São Paulo alguns torcedores me olharam feio.”

Sempre presente nas partidas masculinas de seu time, E1 percebeu, inclusive, alterações em seu comportamento durante as partidas após presenciar um ato de homofobia no Maracanã:

Estava eu e minha amiga, nós somos tipo melhores amigas mesmo, a gente não é nada de namoradas e tals, e a gente estava passando, só que eu estava de bucket e aí um cara foi e gritou alguma coisa do tipo “sapatão imunda”, só que eu não sei se gritou para mim e minha amiga ou se gritou para um casal, que dava para ver que era um casal de duas meninas que estavam passando depois. E tipo, como a gente é também, sabe, eu olhei para a cara delas e já falei “não, elas estão com medo”, elas estavam com aquela expressão corporal de retraídas, de amedrontadas. Então, essa é a pior experiência que eu tenho. Tanto é que, depois desse jogo, depois do que aconteceu, minha amiga e eu a gente nem tem tanto contato nos jogos, porque antes a gente ficava de mãos dadas, Maracanã lotado né, se você não andar de mãos dadas você se perde muito rápido, e depois disso a gente parou de fazer essas coisas, porque ela ficou com medo.

Complementando o ponto abordado por Santos e Helal (2016), ao terem sido construídas sob uma ótica de expressão de masculinidades, as arquibancadas apresentam ainda um reflexo direto em exclusões demarcadas pelo sexismo, afetando, desta forma, as noções de pertencimento sentidas pelo público feminino. Por terem tido esses espaços negligenciados por décadas, criou-se uma cultura de consumo do futebol que trata a presença das mulheres nas arquibancadas apenas como “diversão” e “entretenimento”, idealizando um imaginário no qual elas não possuem um real conhecimento sobre o esporte e o time da mesma forma que os homens possuem, como vivenciado por E3:

Teve uma vez que eu fui assistir um jogo e eu lembro que eu, por não enxergar direito, falei o nome de um jogador errado e aí todo mundo começou a olhar pra mim e falar que mulher no futebol não dava, que qualquer jogador para mim era aquele que eu tinha falado o nome, que mulher não entende de futebol, que eu não deveria estar naquele lugar, deveria estar em casa, que eu não entendo nada. Foi bem constrangedor, porque é normal você errar o nome de um jogador quando você está assistindo, você não precisa ser julgado por isso, não quer dizer que eu não entenda de futebol e que eu não possa assistir uma partida de futebol como qualquer outra pessoa. Eu só erreí naquele momento e aconteceu, e adoro futebol, sempre gostei, sempre entendi, então não tinha o porquê de eu ser xingada. Me senti bem constrangida.

Além das ofensas verbais, a violência física é um fator recorrente nos estádios e seus entornos, muitas vezes justificados pelo calor da emoção derivada do resultado das partidas, resguardados na proteção proporcionada por estarem em grupos, entre eles as próprias torcidas organizadas, em concordância com Elias e Dunning (1986 *apud* HELAL *et al.*, 2012). Para E5, uma briga envolvendo torcidas rivais fez com que ela até hoje possua ressalvas em frequentar determinadas partidas:

Uma memória ruim que me marcou muito foi na primeira vez que fui assistir um jogo

do Flamengo. Era um clássico contra o Botafogo, no Engenhão, e, na saída do jogo, começou a rolar uma briga entre as duas torcidas. Eu estava no ponto de ônibus quando a confusão chegou perto e a gente teve que implorar para os moradores da rua deixarem a gente entrar na casa deles, para fugir da briga. Como era minha primeira vez vivenciando aqui, fiquei muito assustada sem saber como reagir. Até hoje tenho um pouco de medo de ir em clássicos por causa desse dia.

Tais situações levam as entrevistadas a acreditarem que as arquibancadas não constituem um local seguro para que torcedores de diferentes identidades possam frequentá-las rotineiramente. Para E3, a força da rivalidade entre as equipes pode ser propulsora para essas violências, gerando assim uma sensação maior de insegurança: “Às vezes se é um clube que não é um grande rival, tudo bem, mas tem muito clube que a gente tem medo até de frequentar as redondezas do estádio”. Visão também explicitada por E4, que reforça que não se sente confortável durante as partidas masculinas: “Eu não me sinto completamente segura indo em um jogo de futebol masculino, sinto que sempre preciso ficar muito atenta no que está acontecendo no local e não consigo só aproveitar 100% o momento.”

Contudo, apesar de concordarem em não ser um local seguro, para E1, E2 e E4, vem ocorrendo uma evolução nas arquibancadas, no que tange a prática de violências. E1 reforça o fato de ainda sentir ressalvas na maneira que se comporta nos estádios, por conta dos preconceitos presenciados, porém acredita que a arquibancada masculina esteja se tornando um local mais seguro com o decorrer do tempo. E4 concorda que “já mudou bastante com o tempo, com algum tipo de evolução positiva, mas ainda não sendo um local tão amigável”. Já E2 salienta o fato dessa mudança passar pela conscientização de parte dos torcedores: “Eu acho que tem se tornado mais seguro, mas ainda não é 100%, porque é isso, ainda existe uma parte da torcida que tem essa cabeça completamente diferente do atual torcedor, que tá ali sendo conscientizado.”

Essa conscientização passa diretamente pelas torcidas organizadas, mídia e ações do clube, uma vez que eles possuem uma forte influência sobre a opinião dos torcedores, noção abordada por Christofolletti e Rosa (2018). Para E2, as principais torcidas organizadas têm realizado importantes ações visando o posicionamento contra os preconceitos, exercendo assim uma importante influência positiva para a inclusão de todos os torcedores no ambiente dos jogos:

Eu acho que como a torcida organizada, geralmente, já são uma coisa muito forte, exercem uma influência muito forte para com o clube, eu acho que eles mudaram muita coisa, mudaram os gritos. A torcida do Corinthians, especificamente, é uma torcida que se posiciona bastante, só que nem todas as organizadas são assim. Falando especificamente sobre a Gaviões da Fiel, é a maior torcida organizada do Corinthians e é uma que exerce muita influência no clube, está sempre muito alinhada com os valores do clube. E assim, a Camisa 12, que é a segunda maior, já pegou muito essa

coisa de se posicionar e de lutar contra isso, só que outras organizadas menores não se posicionam tanto. Então eu acho que tem influência, mas tem sido uma influência positiva, pelo que eu vejo.

E3, porém, acredita que essa influência pode pesar para os dois lados, da conscientização e do incentivo à essas práticas, conforme afirma: “A do Santos tem uma organizada que defende mais as pessoas, principalmente as mulheres, têm algumas regalias na torcida, e tem o outro lado da torcida também que eles xingam qualquer um”. Essa dupla influência das torcidas organizadas tanto no fomento quanto no combate das violências, é também destacada por E5:

Elas têm um peso muito grande sobre o restante dos torcedores, nas arquibancadas, já que geralmente elas são as responsáveis por puxarem as músicas e, por estarem sempre em maior quantidade, conseguem ter uma voz ativa no que está rolando ali durante o jogo. Nos casos dos cantos preconceituosos, acabam sendo as organizadas que puxam essas músicas, fazendo os torcedores ao redor cantarem junto. Acredito que essa conscientização tem que partir primeiramente delas, já que elas possuem esse respeito por serem grandes grupos de torcedores que “representam” o clube.

E2 complementa que, em sua visão, a influência alcançada pelas torcidas organizadas teria, inclusive, mais impacto para os torcedores do que as ações reverberadas pela mídia. Para E1, esse papel deve ser cumprido, inclusive, pelos próprios clubes, uma vez que eles são a representação máxima dos torcedores, visão também compartilhada por E3 e E4.

5.3 A cultura do torcer nas arquibancadas do futebol feminino

Ao serem questionadas sobre os hábitos adquiridos durante suas vivências enquanto torcedoras, todas as entrevistadas tiveram um primeiro impulso em responder acerca suas experiências como consumidoras do futebol masculino, o que nos faz perceber que a modalidade masculina está mais intrinsecamente presente quando tratamos sobre o tema futebol. Diferentemente do apoio e incentivo dado pelas famílias desde seu nascimento, para que acompanhassem o futebol masculino, foi preciso delinear uma estrutura de interesse totalmente oposta para que passassem a acompanhar o naipe feminino, fator que, em um primeiro momento, nos sugere uma construção de um modo de torcer que diverge dos costumes analisados anteriormente, no que tange os espaços da prática masculina.

Quando questionadas acerca do início de seu interesse pelo futebol feminino, todas as entrevistadas afirmam que somente começaram a de fato consumir a modalidade quando já mais velhas. E1, E2 e E3 justificam o tardio consumo pela falta de companhias para frequentar as partidas femininas, já que ainda não se possui um público tão fiel quanto o visto no masculino, razão pela qual acabam por, em muitas ocasiões, irem sozinhas para os estádios. E3

detalha ainda um costume não observado enquanto consumo do futebol masculino, a iniciativa em frequentar os jogos de outros clubes que apresentam um bom futebol e contam com jogadoras de qualidade:

No feminino eu gostava muito de ver os jogos do Corinthians, não gostava tanto de ver os do meu time [Santos] porque toda vez que eu as via elas perdiam. Eu lembro que o primeiro jogo feminino que eu assisti foi do Santos x Portuguesa, foi 5x0, esse jogo tinha sido no Pacaembu e eu fiquei super emocionada de ver o feminino, foi uma experiência nova. Mas eu gostava muito de ver jogos dos outros times também, principalmente o Corinthians, por toda a história que eles têm, porque as meninas jogavam muito, eu achava o nível delas incrível e queria muito poder jogar igual elas. Eu gosto de assistir o feminino também porque eu fico me espelhando.

A fala compartilhada por E3 demonstra a existência da possibilidade da construção de um torcer que oferece maior identificação das torcedoras com as jogadoras, que vivem uma realidade não tão distante no que tange a prática da modalidade. Todas enfrentaram um cenário muito semelhante em suas experiências para buscarem o sonho de serem jogadoras: a falta de incentivo da sociedade, baixa oferta de escolinhas que oferecessem o ensino do futebol para mulheres, poucas oportunidades de seletivas e peneiras para entrarem nos clubes etc. Dessa forma, aquelas torcedoras que possuíam o desenho de se profissionalizar se sentem mais inclinadas a acompanhar não só o seu time, mas o próprio futebol feminino como um todo.

Cenário amplamente testemunhado nas arquibancadas do futebol masculino, as entrevistadas declararam nunca ter presenciados casos de preconceito e violências nas partidas femininas. “O clima na torcida sempre é em um tom mais amigável, respeitando as adversárias”, justifica E5. Para E1, E3 e E4, a composição da arquibancada é um fator primordial para essa diferenciação, uma vez que é comum ter um público menor e, na maior parte das ocasiões, composto por famílias, crianças e um percentual maior de mulheres. Como consequência, as entrevistadas projetam as partidas de futebol feminino como um ambiente mais seguro do que o experienciado no naipe masculino, promovendo assim uma maior noção de pertencimento para todos que frequentam esse espaço, como observado por E4:

Talvez por geralmente serem jogos mais vazios, com uma presença muito maior de torcedoras mulheres, por terem mulheres dentro do campo, sinto que os torcedores no geral respeitam muito mais quem tá ali. Tenho também a impressão de que os torcedores que estão ali são mais conscientes dessas pautas, porque, infelizmente, ainda não são todos que gostam de futebol que acompanham o futebol feminino, só aqueles que realmente gostam ou que apoiam muito o time, então acaba sendo um público mais específico.

No que tange a composição das arquibancadas, as entrevistadas projetam que os valores cobrados nos jogos femininos são mais atrativos e favorecem o acesso de famílias, pois “entra

o fator de que muitas vezes não é cobrado ingresso, tem um acesso muito mais democrático a assistir ao jogo no estádio”, conta E2. Geralmente, os ingressos são distribuídos de forma gratuita, à um preço mais acessível ou são trocados por 2kg de alimentos não perecíveis, diferentemente dos jogos de futebol masculino, que costumam cobrar preços relativamente altos para suas partidas, ponto também destacado por E1 e E3.

Outra diferença abordada por E1 é o tratamento das jogadoras para com os torcedores presentes nas partidas. Enquanto nos jogos masculinos os atletas não possuem o costume de ir até à arquibancada interagir com os torcedores, muito por conta da lotação dos estádios, no futebol feminino é muito comum que essas interações ocorram: “As jogadoras, no final da partida, elas sempre vão lá conversar, tirar fotos, autografar a camisa de quem quiser, sendo que a gente não vê isso no masculino”.

Essas diferenças acabam tendo um impacto direto nas diferentes maneiras de torcer durante as partidas, principalmente no que diz respeito à ruptura com a prática de preconceitos, conforme analisado por E2:

A maior diferença que eu vejo é que assim, ainda tem muito torcedor que tá focado ali no masculino e aí entra o que eu falei, essa experiência do comportamento da torcida no masculino e no feminino. Quem acompanha o feminino, que já tá ali vivenciando aquilo, essa mudança do clube de focar no futebol feminino também, quando vai pro masculino já não vê a mesma graça em cantos homofóbicos, por exemplo, canto machista também, do tipo “você acompanha o futebol feminino, você vai ficar gritando uma merda dessa?”. A maior diferença que eu acho é que tem muito torcedor que ainda tá muito com o olhar do masculino e que se foda o feminino. Então, eu acho que essa é a maior diferença. No restante, a torcida apoia muito igual, não é à toa que lota os jogos do Corinthians feminino. A maior diferença que eu vejo agora é isso, é que quem acompanha o feminino já tem uma outra cabeça em relação ao masculino.

Para além da reprodução de violências, é possível notar ainda diferenças nas formas com os quais os torcedores consomem as partidas. E1, E3, E4 e E5 citam que a torcida durante os jogos do masculino costuma ser mais intensa, com os torcedores em pé, cantando a todo momento, fazendo sempre muita festa e muito barulho. Já no feminino a torcida costuma assistir mais as partidas, com grande parte do público sentado durante boa parte do jogo, sem ter muito o hábito de puxar cantos. Para elas, um grande responsável por essa diferença são as torcidas organizadas. Quando presentes nas partidas do futebol feminino, E1 e E4 comentam que as organizadas incendeiam mais a arquibancada, animando os torcedores a vibrar e cantar mais e não somente assistir o jogo. Elas citam ainda acreditar que a arquibancada do feminino acaba sendo mais democrática pois, mesmo quando há presença da torcida organizada, é possível que os torcedores assistam os jogos da maneira que preferirem, sem se sentirem inclinados a ficar de pé e cantar somente porque todos ao seu redor estão fazendo o mesmo.

Contudo, todas relatam que, independentemente do momento em que se aproximaram da modalidade ou da maneira de torcer, há uma importante semelhança: o amor e a paixão pelo time. Para todas, a vibração sentida enquanto assistem os jogos, mesmo que tenha 40 mil, 4 mil ou 400 pessoas no estádio, a felicidade ou a tristeza derivada do momento vivido pelo time, a felicidade em compartilhar os momentos com outros torcedores do seu clube, “não importa qual é o jogo, se é masculino ou feminino, quem tá lá ama o time da mesma forma”, finaliza E5.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS - UM NOVO MODO DE TORCER: A QUEBRA COM A CULTURA DE PRECONCEITOS

O futebol é um fenômeno cultural intrinsecamente ligado à sociedade brasileira, conhecida por todos como uma nação festiva e apaixonada, elementos muito conectados à prática da modalidade. E, mesmo com todos os percalços enfrentados durante sua trajetória, o futebol feminino tem se mostrado cada vez mais pertencente a cultura futebolística do país.

A pergunta central do estudo trazia uma visão sobre a existência de diferentes modos de torcer entre as arquibancadas do futebol masculino e feminino, no qual haveria uma significativa ruptura com as práticas de violências vivenciadas nas partidas masculinas. Tais mudanças ocorreriam por influência da composição dos torcedores que consomem os jogos naipes feminino *in loco*, uma vez que esses espaços costumam possuir um quantitativo menor de público, aliado à uma considerável presença de mulheres e crianças nestas partidas. Assim sendo, haveria, então, uma associação direta entre o gênero praticante da modalidade e a maneira com o qual os torcedores compõem e se comportam nas arquibancadas.

O objetivo principal da metodologia escolhida foi analisar, por meio de entrevistas em profundidade com torcedoras mulheres que frequentam assiduamente as partidas, a relação existente entre as variantes presentes na construção do trabalho. Com base nos resultados obtidos, foi possível visualizar importantes variações no consumo dos dois naipes, com diferenças significativas no que diz respeito à maneira com o qual os torcedores interagem com as equipes e se comportam dentro dos estádios.

Como ponto de partida para os resultados encontrados, há uma diferença importante no primeiro contato que as torcedoras tiveram com o esporte. O futebol masculino esteve presente em suas vidas desde seu nascimento, por influência da família, o que acaba por criar nelas um senso de proximidade e afeto muito maior, uma vez que passaram toda a sua vida consumindo os jogos do seu clube. Situação oposta ao que acontece quando questionadas sobre o contato com o futebol feminino, que passou a estar mais presente em suas vidas somente após já estarem mais velhas e, ainda sim, enfrentando diversas dificuldades para conseguir informações sobre o seu time para que pudessem frequentar os jogos.

Por possuírem um maior vínculo afetivo com o módulo masculino, acabam por sempre citar memórias e costumes adquiridos enquanto torcedoras da modalidade masculina. Dessa forma, é possível visualizar que, por mais que tenha evoluído sua visibilidade e alcance nas últimas décadas, o futebol feminino ainda se encontra diversos passos atrás do masculino no imaginário do torcedor.

Em relação à reprodução de preconceitos nas partidas de futebol, as entrevistadas discorreram sobre os diversos casos de violências verbais e físicas já presenciados por elas nas arquibancadas dos jogos masculinos. Sejam direcionados a elas ou a terceiros, é comum se deparar com a prática de preconceitos por parte dos torcedores, principalmente no caso de ofensas homofóbicas e sexistas. Tal situação acaba por causar uma sensação de insegurança em parte do público que frequenta esses espaços, que não se sente confortável em ir sozinho para as partidas ou em se comportar da maneira que deseja, tendo que reprimir gestos ou ações por medo de sofrer represálias de outros torcedores.

Tais discursos reforçam a visão obtida por meio da literatura temática sobre a existência de violências nos estádios e os personagens que rotineiramente estão por trás delas. Para as entrevistadas, tais situações partem por conviência das torcidas organizadas que, por serem um grupo representativo do clube nas arquibancadas, deveriam tomar para si a responsabilidade de conscientizarem os torcedores ali presentes. Da mesma forma, o clube, como figura máxima de representação do torcedor, deveria priorizar a realização de campanhas e ações de marketing que combatam a reprodução desses preconceitos. Entende-se que, para mudar esse cenário em grande escala, é precisar se apossar da via de mão dupla existente entre o clube e a torcida, para que todos possam se tornar mais conscientes do malefício existente nessas atitudes.

Em contrapartida, as arquibancadas do futebol feminino parecem vivenciar uma realidade distinta à apresentada no naipe masculino, conforme levantado na pergunta principal da pesquisa. Para as entrevistadas, há uma diferença palpável na ambientação desses dois espaços, principalmente no que tange a reprodução de preconceitos. Em suas vivências enquanto consumidoras *in loco* das partidas femininas, todas elas afirmam nunca ter presenciado nenhum caso que se assemelhasse à uma situação preconceituosa ou de violência, um fator que acaba por construir uma noção de segurança muito forte para aqueles que frequentam esses espaços.

São notáveis ainda diversas diferenças nos modos de torcer dos torcedores de acordo com o gênero praticante da modalidade. Segundo as entrevistas, a arquibancada masculina apresenta uma estrutura muito festiva e viva a todo momento, é comum que o público se mantenha em pé durante toda a partida, festejando, cantando e gritando, incentivando que todos ao seu redor façam o mesmo. Já nas partidas do feminino, é mais comum que o público efetivamente assista o jogo, em um padrão um pouco mais frio e silencioso, guardando os momentos de vibração para quando ocorrem lances de perigo no jogo.

Para elas, uma justificativa para essas diferenças se dá na composição do público presente. Por possuir um acesso facilitado aos ingressos e por ser considerado um local mais

seguro, é muito comum a presença de mulheres e crianças na arquibancada do futebol feminino, como explorado anteriormente.

Como resposta para a pergunta e os objetivos traçados pela pesquisa, os resultados obtidos por meio das entrevistas mostram que as arquibancadas do futebol feminino apresentam uma cultura do torcer diferente quando comparada àquela vivenciada nos estádios do futebol masculino, tendo como principal discrepância uma ruptura com a prática de preconceitos e violências. A análise dos relatos aponta ainda para a validação de que há uma associação entre o gênero praticante da modalidade e a forma com o qual os torcedores incentivam e vibram *in loco* pelo seu time, uma vez que foram destrinchadas significativas diferenças na forma de se portar do público presente na arquibancada.

Por meio dos resultados obtidos, o presente trabalho permite dar luz à uma nova perspectiva sobre os estudos do futebol feminino. Ao entender que há diferentes maneiras de se consumir um mesmo produto, mesmo que dentro de uma mesma cultura, é possível pensar em diferentes formas de interação com esses públicos, principalmente para os próprios clubes e torcidas organizadas que buscam engajar um maior número de torcedores no consumo do futebol praticado por mulheres.

Mesmo que em crescimento e com quebras de recordes, é ainda difícil tratar a modalidade em equivalência entre os dois gêneros, uma vez que as mulheres ainda possuem um público apoiador muito menor. O estudo busca ainda mostrar a importância no aprofundamento sobre a vivência da modalidade e de seus torcedores. É de conhecimento geral que há diferenças de tratamento e de visibilidade entre os dois naipes, porém é preciso vislumbrar como se torna possível mudar essa situação na prática e a construção de uma cultura torcedora forte no futebol feminino parece ser um importante gancho para pesquisas futuras acerca do tema. Para além disso, se notoriamente há uma ruptura com padrões de comportamentos novinhos entre os torcedores, se mostra uma oportunidade de estudo a possibilidade de analisar maneiras de levar essas mudanças também para as arquibancadas do futebol masculino, construindo novas culturas do torcer.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Auriel de. **Evas do Gramado**: a história do Primavera Atlético Clube, o time de futebol feminino proibido no Governo Vargas. Rio de Janeiro: Hanoi Editora, 2017.
- ALMEIDA, Caroline S. Mulheres futebolistas. Debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. **Lusotopie Journal**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 95-118, 2019.
- ALMEIDA, Caroline S. **Boas de bola**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 2013. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis, SC, Brasil, 2018.
- ALMEIDA, Caroline S; ALMEIDA, Thaís Rodrigues de. “Deve ou não deve o football invadir os domínios das saias?”: Histórias do futebol de mulheres no Brasil. CSOnline - **Revista Eletrônica De Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 31, p. 168-191, 2020.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. O Futebol Feminino brasileiro e a minha esperança. *In*: ANJOS, Luiza Aguiar do. (Org). **Resenhas de arquibancada**: publicações do Grecco no Ludopédio. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2018, p.8-13.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915–1941). 2019, Dissertação — Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino da; Silva, Roberto. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CHRISTOFOLETTI, Danilo; ROSA, Márcia Eliane. E. Os impactos da midiaticização na relação entre o futebol brasileiro, a cultura e a sociedade. **Pós-Limiar**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 127–139, 2018. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/pos-limiar/article/view/4078>. Acesso em: 23 out. 2022.
- COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research methods in education**. London: Routledge, 2002.
- COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, n. 4, p. 143-159, 1998.

CORIOLOANO, Alina Mira Maria; CONDE, Erick Francisco Quintas. Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol. São Paulo, **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 42-56, 2016.

COSTA, Leda Maria da. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, n. 13, p. 493–507, 2017.

COSTA, Leda Maria da. “O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto representação do público feminino do futebol”. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n.4, nov/2006-fev/2007.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pósgraduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

DAMATTA, Roberto. (Org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. *In*: CHRISTOFOLETTI, Danilo; ROSA, Márcia Eliane. E. **Os impactos da midiaticização na relação entre o futebol brasileiro, a cultura e a sociedade. Pós-Limiar**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 127–139, 2018. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/pos-limiar/article/view/4078>. Acesso em: 23 out. 2022.

DAMATTA, Roberto. (org). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982 *In*: HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 11–37, 2011. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/208>. Acesso em: 23 out. 2022.

FIFA Women’s World Cup France 2019 Global Broadcast and Audience Report. **Digital Hub FIFA**, [S.I.]. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/5fd80f719fbff8e4/original/rvgxekduqpeo1ptbgcng-pdf.pdf>. Acesso em: 02 out 2022.

FRANCO JR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. SP: Companhia das Letras, 2007 *In*: KUPPER, Agnaldo. O futebol brasileiro como instrumento de identidade. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 219-235, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41690/28959>. Acesso em: 23 out. 2022.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

- GODOY, Arilda. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57–63, 1995.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- HAIR JR, Joseph F.; CELSI, Mary. W.; ORTINAU, David. J.; BUSH, Robert P. **Fundamentos de pesquisa de marketing**. Tradução: Francisco Araújo da Costa. 3. ed. São Paulo: Bookman, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2006.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro; SILVA, Carmelo D.; AMARO, Fausto; TAVARES JUNIOR, Joaquim. Comunicabilidade entre torcidas organizadas em estádios de futebol: cantos de louvor ou cantos de guerra? Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação, 35., 2012, Fortaleza, CE. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Intercom -Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0467-1.pdf>. Acesso em: 23 out. 2022.
- HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 11–37, 2011. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/208>. Acesso em: 23 out. 2022.
- KUPPER, Agnaldo. O futebol brasileiro como instrumento de identidade. **Mnemosine**, v. 14, n. 2, p. 219-235, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41690/28959>. Acesso em: 23 out. 2022.
- MÁRIO FILHO. O negro no futebol brasileiro. Petrópolis, RJ, Ed. Firmo, 1994 *In*: TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia. 1998. 221 f. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.
- MATIAS, Juliana. **O futebol feminino brasileiro e seus inícios**. Jornalismo Júnior, 2020. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/o-futebol-feminino-brasileiro-e-seus-inicios/>. Acesso em: 02 out 2022.
- MENDONÇA, Renata. Há 80 anos, 1º jogo de mulheres no Pacaembu gerou apoio e também apoio. **Dibradoras**, UOL, 2020. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/05/18/ha-80-anos-1o-jogo-de-mulheres-no-pacaembu-gerou-apoio-e-tambem-revolta/>. Acesso em: 08 nov 2022.
- MORAES, Carolina Farias. As torcedoras querem torcer: tensões e negociações da presença

das mulheres nas arquibancadas de futebol. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017 Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503881784_ARQUIVO_Artigo_FazendoGenero_VF_Carolina.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

RAMOS, R. Futebol: ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984 *In*: HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 11–37, 2011. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/208>. Acesso em: 23 out. 2022.

RAMOS, Suellen dos Santos. Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. *In*: ANJOS, Luiza Aguiar. (Org). **Resenhas de Arquibancada: Publicações do Grecco no Ludopédio**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2018, p.14-19.

RÉGIS, Doris; PONS, Juliana. As pioneiras do Pacaembu: 80 anos da estreia do futebol feminino no Estádio Municipal. **Centro de Referência do Futebol Brasileiro**, Museu do Futebol, 2020. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/as-pioneiras-do-pacaembu-80-anos-da-estrela-do-futebol-feminino-no-estadio-municipal-a61f6b9351b2>. Acesso em: 08 nov 2022.

PESSANHA, Nathália Fernandes. **Arquibancada Feminina**: Relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro. 2020. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/Nathalia-Fernandes-Pessanha-Dissertacao-PPGH-13-03_compressed.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

PINTO, Maurício Rodrigues; BONFIM, Aira. Pelo direito de torcer: A experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que futebol é coisa pra macho. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017 Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500050043_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FG_30.06.2017_final.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

RANIERI, Eliza; LOIS, Juliana. **A arquibancada gay: a luta por respeito nos estádios cariocas**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, Curso de Jornalismo, Rio de Janeiro, 2020.

RÉGIS, Dóris; PONS, Juliana. **As pioneiras do Pacaembu**: 80 anos da estreia do futebol feminino no Estádio Municipal. Medium, 2020. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/as-pioneiras-do-pacaembu-80-anos-da-estrela-do-futebol-feminino-no-estadio-municipal-a61f6b9351b2>. Acesso em: 01 out 2022.

RODRIGUES FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003 *In*: BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915–1941)**. 2019, Dissertação — Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Irlan; HELAL, Ronaldo. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 53-69, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2469>. Acesso em: 23 out. 2022.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Estático na Metrópole**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992 *In*: BALZANO, Otávio; MUNSBURG, Alberto; SILVA, Gilberto. Futebol como ferramenta e estratégia descolonial: Contribuições outras. **SEFIC**, 2018.

SBRISSIA, Helena Tramujas. **Futebol e feminismo: as coberturas das Copas do Mundo de Futebol Feminino de 2015 e 2019 pelo Jornal Folha de S. Paulo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia. 1998. 221 f. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 6 nov. 2022.

WESTIN, Ricardo. **Há 40 anos, Lei da Anistia preparou caminho para fim da ditadura**. Senado Federal, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivos/ha-40-anos-lei-de-anistia-preparou-caminho-para-fim-da-ditadura>. Acesso em: 08 nov. 2022.

APÊNDICE

Roteiro da Entrevista

Informações importantes:

- Idade
- Estado
- Clube que torce no futebol masculino e no feminino
- Profissão
- Escolaridade

Perguntas:

1. Fale um pouco sobre a sua experiência como torcedora. Quando e como começou a frequentar as partidas? E os jogos de futebol feminino?
2. Você tem algum momento marcante boa e ruim nos estádios?
3. Qual sua relação com o seu clube e os torcedores do seu clube?
4. Você já sofreu ou presenciou algum tipo de preconceito/discriminação nas arquibancadas masculinas? E nas femininas? Comente sobre isso
5. Caso já tenha experienciado, como foi a reação dos torcedores no entorno do ocorrido? Houve alguma manifestação de suporte e/ou recriminação ao ato?
6. Você já participou de torcida (s) organizada (s)? Você vê relação entre as torcidas organizadas e casos de preconceito/discriminação existentes nos estádios?
7. Você acha que a mídia possui algum papel no incentivo ou no combate à reprodução de preconceitos nos estádios de futebol?
8. Você acha o estádio de futebol um local seguro para que torcedores de diferentes identidades possam frequentar? Você se sente segura?
9. Quais as diferenças você nota entre as arquibancadas do futebol masculino e do futebol feminino?
10. Quais as semelhanças você nota entre as arquibancadas do futebol masculino e do futebol feminino?
11. Você se sente inclinada a se comportar de maneira diferente de acordo com o comportamento da torcida à sua volta? Você nota diferenças no seu modo de torcer nas partidas de futebol masculino e futebol feminino?